

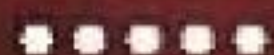
Contado com intensidade, perspicácia e humanidade, **CONTAGEM REGRESSIVA: 1945** é o relato definitivo de um dos momentos mais significativos da história.

— *The New York Times*



**DOZE DE ABRIL DE 1945:** após anos de conflito sangrento na Europa e no Pacífico, os EUA estão atordoados com a notícia da morte do presidente Franklin D. Roosevelt. De repente, o vice-presidente Harry Truman, que foi excluído do planejamento de guerra e desconhece o ultrassecreto Projeto Manhattan para desenvolver a primeira bomba atômica do mundo, precisa assumir o comando de uma nação que está em guerra em vários continentes — e confrontar uma das decisões mais importantes da história.

Neste livro, Chris Wallace, jornalista veterano e âncora do *Fox News Sunday*, leva os leitores para dentro das mentes das figuras icônicas e misteriosas que participam da corrida pela bomba, cada uma por diferentes razões: o lendário Albert Einstein, que acaba descrevendo seu apelo à bomba atômica como “o maior erro da minha vida”; J. Robert “Oppie” Oppenheimer, o pesquisador principal, e os espíões soviéticos que secretamente se infiltraram em sua equipe; os pilotos extremamente competitivos do avião selecionado para lançar a bomba; e muitos outros.





“Este livro é, merecidamente, um dos maiores sucessos de não ficção.”

— *The Wall Street Journal*



ALTA CULT  
EDITORA  
www.altabooks.com.br

 /altabooks  
 /altabooks



# **CONTAGEM REGRESSIVA 1945**

**A EXTRAORDINÁRIA HISTÓRIA DA  
BOMBA ATÔMICA E OS 116 DIAS  
QUE MUDARAM O MUNDO**

**CHRIS WALLACE**  
**COM MITCH WEISS**

  
**ALTA/CULT**  
EDITORA  
Rio de Janeiro, 2021

*Para Lorraine*

*Você é a melhor parte de qualquer aventura*

# Sumário

## AGRADECIMENTOS

116 DIAS

113 DIAS

105 DIAS

104 DIAS

103 DIAS

90 DIAS

70 DIAS

68 DIAS

66 DIAS

53 DIAS

49 DIAS

36 DIAS

35 DIAS

34 DIAS

21 DIAS

20 DIAS

19 DIAS

18 DIAS

17 DIAS

16 DIAS

13 DIAS



12 DIAS

11 DIAS

8 DIAS

6 DIAS

5 DIAS

4 DIAS

3 DIAS

2 DIAS

1 DIA

9 HORAS, 15 MINUTOS

TEMPESTADE DE FOGO

EPÍLOGO

POSFÁCIO

NOTAS

BIBLIOGRAFIA

SOBRE OS AUTORES



# AGRADECIMENTOS

Escrever envolve inúmeras decisões, e tive a sorte de tomar várias que me trouxeram as pessoas certas para transformar minha ideia inicial neste livro.

Primeiro, eu gostaria de agradecer a Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes, por me inspirar a escrever sobre o tema desta obra. Em fevereiro de 2019, ela convidou vários âncoras de notícias para o famoso refúgio “Conselho de Educação” de Sam Rayburn, no Capitólio. Ela queria fazer uma refutação antecipada do discurso sobre o Estado da União que o presidente Donald Trump faria naquela noite. Porém, no decorrer da reunião, ela contou a história do telefonema do vice-presidente Harry Truman à Casa Branca, dizendo que, depois de desligar, ele exclamou: “Jesus Cristo e General Jackson.”

Pelo resto do dia, fiquei pensando no nosso 33º presidente, e não no nosso 45º.

Como transformar o que achei uma boa ideia em um livro? Meu antigo empresário Larry Kramer me apresentou a Claudia Cross, da Folio Literary Management. Eles foram meus guias sherpa no que acabou sendo o longo e complicado processo de escalar minha versão do Monte Everest.

Eles também me apresentaram a Mitch Weiss, meu inestimável coescritor. Mitch é um repórter investigativo da Associated Press e vencedor do Prêmio Pulitzer. Em seu tempo livre, ele também escreve livros fascinantes que prendem totalmente a atenção. Assim que li seu trabalho e o conheci, soube que tinha o colega de quem precisava para realizar este projeto. Mas eu também necessitava de um pesquisador, e essa foi a decisão mais fácil que tive de tomar. Nos últimos dez anos, Lori Crim foi minha



pesquisadora no *Fox News Sunday*. Juntos, encaramos tudo, desde debates presidenciais a Vladimir Putin. Quando a chamo de “cérebro de Chris”, não estou apenas brincando.

E então, a editora. Tivemos a sorte de atrair muita atenção para este projeto. Mas assim que conheci Jofie Ferrari-Adler, editor da Avid Reader Press, e seu chefe, Jonathan Karp, da Simon & Schuster, tive certeza de que encontrara a equipe certa para essa expedição. E era de fato uma equipe. Quero agradecer a Carolyn Reidy, Ben Loehnen, Meredith Vilarello, Jordan Rodman, Alison Forner, Amanda Mulholland, Brigid Black, Jessica Chin, Ruth Lee-Mui, Richard Ljoenes, Morgan Hoit, Carolyn Kelly, Elizabeth Hubbard e Allie Lawrence.

Estávamos prontos para trabalhar e mergulhar naqueles 116 dias que mudaram o mundo. A primeira parada foi na Biblioteca Harry S. Truman em Independence, no Missouri. Passei vários dias lá analisando documentos. O tesouro encontrado foram as cartas de Truman para sua amada Bess, sua mãe e sua irmã, bem como o diário revelador que ele manteve durante aqueles quatro meses tumultuados. O diretor da biblioteca, Kurt Graham, me concedeu acesso aos arquivos em um momento de reforma do prédio. E pedi ao arquivista Randy Sowell que me ajudasse a examinar milhares de documentos. Também quero agradecer a Samuel Rushay, Laurie Austin e David Clark por suas orientações gerais e pela ajuda na pesquisa, na identificação e na disponibilização das melhores imagens para capturar esse período na presidência de Truman.

Os historiadores abriram outras portas para nós. Joseph Papalia é um especialista no 509º Grupo Composto e nos ajudou a contar a história dessas tripulações diversificadas. John Coster-Mullen é um especialista em Los Alamos e no desenvolvimento da bomba atômica. Agradecimentos especiais a ambos.

Durante a pesquisa deste livro, uma das grandes revelações foi que, 75 anos depois, algumas personagens importantes ainda estavam vivas. Ruth Huddleston contou histórias fascinantes sobre sua experiência como uma das “Garotas do Calutron” nas instalações de Oak Ridge. Ela também deu uma identidade à



preocupação de tantos norte-americanos de que, após sobreviverem à guerra na Europa, seus entes queridos fossem enviados a um conflito ainda mais sangrento no Pacífico.

E há também Hideko Tamura Snider, aquela corajosa garotinha de 10 anos que sobreviveu à explosão atômica em Hiroshima e nos contou o que ela e sua família passaram. Após 75 anos, ela mora nos EUA e relembra sua vida com notável sabedoria e nenhum sinal de rancor.

Os arquivistas dos Arquivos Nacionais forneceram muitas das imagens da tripulação do *Enola Gay* e da equipe de cientistas em vários estágios de treinamento e preparação. A ajuda de Michelle Brown, Holly Reed e Kaitlyn Crain Enriquez, dos departamentos de imagens estáticas e textuais dos Arquivos Nacionais, foi fundamental para nos permitir mostrar — não apenas falar sobre — essas personagens grandiosas.

Agradeço a Pamela Ives, da Força Aérea dos Estados Unidos, pela ajuda em encontrar as ordens de operação do 509º, a equipe treinada para compor a tripulação do *Enola Gay* e todo o seu suporte.

E obrigado a Olivia Garrison, da Biblioteca da Universidade Estadual de Iowa, por localizar algumas das primeiras entrevistas de rádio das duas tripulações da bomba atômica após suas missões, conduzidas pelo jornalista Jack Shelley na ilha de Tinian, em agosto de 1945.

A história da decisão dos EUA de lançarem a primeira bomba atômica do mundo não pode ser contada sem que o impacto devastador em Hiroshima seja mostrado. As imagens impressionantes da “cúpula da bomba atômica” — que, apesar de localizada praticamente logo abaixo da explosão, de alguma forma escapou da destruição completa — ajudam a mostrar o que aconteceu lá. Obrigado a Rie Nakanishi, do Museu Memorial da Paz de Hiroshima, por nos permitir usar essas imagens para contar essa parte importante da história. O museu, inaugurado em 24 de agosto de 1955, conserva alguns dos pertences pessoais das vítimas e espera encorajar seus visitantes a promover o desarmamento nuclear e a paz no mundo.



Muito obrigado a Gary Younger, do Departamento de Energia dos Estados Unidos, por fornecer imagens dos protagonistas do governo Truman, que foram parte integrante da sequência de acontecimentos durante o programa atômico.

O historiador Alan Brady Carr, do Laboratório Nacional de Los Alamos, e a arquivista Rebecca Collinsworth, dos Arquivos da Sociedade Histórica de Los Alamos, foram solícitos em fornecer as informações para recriar a aparência da comunidade restrita de cientistas em Los Alamos, que trabalhou com prazos apertados para cumprir o cronograma da administração Truman.

Quero expressar minha gratidão aos executivos da Fox News que não apenas me permitiram escrever este livro, mas também me incentivaram ao longo do caminho. Agradeço à diretora-executiva da Fox News, Suzanne Scott, ao presidente Jay Wallace, à vice-presidente executiva sênior de comunicações corporativas Irena Briganti, à vice-presidente Carly Shanahan e à minha equipe do *Fox News Sunday*, especialmente à produtora-executiva Jessica Loker e à produtora Andrea DeVito.

Por fim, Mitch e eu queremos agradecer a nossas famílias por seu amor e apoio durante as manhãs e madrugadas, bem como nos inúmeros fins de semana perdidos, quando, além de nossos empregos diurnos, assumimos este projeto durante o tempo que deveria ser dedicado a nossos familiares. Prometemos que vamos recompensá-los.

Quero concluir expressando minha gratidão a duas pessoas da minha família. Minha filha Catherine Wallace me deu conselhos valiosos de seus anos como editora. Quando eu reclamava sobre como é difícil escrever um livro, ela revirava os olhos para a minha “descoberta”.

Sobretudo, quero agradecer à minha esposa, Lorraine. Você é o começo e o fim de tudo na minha vida. E sempre será.



# CONTAGEM REGRESSIVA: 116 DIAS

12 de abril de 1945

Washington, D.C.

Harry Truman precisava de um drinque. Era seu 82º dia no cargo de vice-presidente. Como de costume, ele passou a tarde na câmara do Senado, dessa vez supervisionando um debate sobre um tratado das águas com o México. Enquanto os senadores se alongavam no assunto, sua mente divagou até a mãe e a irmã, que ainda moravam perto da antiga fazenda da família Truman em Grandview, no Missouri. Truman pegou uma folha de papel e uma caneta, mesmo estando sentado em sua mesa elevada na tribuna da câmara do Senado.

“Queridas mamãe e Mary”, escreveu ele, “um senador prolixo de Wisconsin” não parava de falar sobre “um assunto com o qual ele não tem familiaridade”. Como presidente do Senado, fazia parte do trabalho de Truman presidir sessões como essa. Porém, ele não via a hora de aquilo chegar ao fim, pois queria estar em outro lugar. Ele não fazia ideia de que sua vida estava prestes a mudar para sempre.

Felizmente, pouco antes das 17h, o Senado optou por fazer um recesso pelo restante do dia. Truman atravessou o Capitólio sozinho, sem a escolta do Serviço Secreto — passou pelo Senado, pela rotunda do Capitólio e, em seguida, pelo Statuary Hall até a Câmara dos Representantes. Vestido de maneira elegante, como de costume, em um terno cinza transpassado, com um lenço branco e uma gravata-borboleta escura de bolinhas, Truman estava sempre apressado. E parte disso era devido a seu andar rápido.

Ele foi do piso público principal do Capitólio para o térreo e desceu até o refúgio particular de Sam Rayburn, presidente da



Câmara dos Representantes, a Sala 9, que era conhecida como “Conselho de Educação”. Era a sala mais exclusiva do Capitólio, com entrada permitida apenas por convite pessoal de Rayburn. Na maioria das tardes, após o expediente oficial, os membros do Congresso se encontravam nessa sala para discutir estratégias, fofocar e “brindar à liberdade”, enquanto apreciavam um ou dois drinques. Truman era um frequentador habitual. Sua bebida preferida era bourbon com água sem gás.

O Conselho de Educação era um refúgio clássico do Capitólio, com cerca de seis metros de comprimento e repleto de grandes poltronas de couro, um sofá e uma extensa mesa de mogno usada para colocar as bebidas. A única dissonância era o teto pintado e ornamentado, decorado com pássaros, animais e plantas. Rayburn tinha um quadro da “estrela solitária” do Texas fixado em um canto da sala.

Quando Truman chegou, Rayburn — “Sr. Sam” — avisou-o de que a Casa Branca estava procurando por ele. “Steve Early quer falar com você quanto antes”, disse, referindo-se ao secretário de longa data do presidente Roosevelt. Truman preparou um drinque, sentou-se e ligou para a central telefônica da Casa Branca: 202-456-1414.

“É o vice-presidente”, informou ele.

Ao atender a chamada, Early foi curto e grosso. Havia tensão em sua voz. Ele pediu que Truman fosse à Casa Branca “o mais rápido e discretamente” possível e que optasse pela entrada principal da Pennsylvania Avenue. Rayburn observava Truman, a quem sempre considerou meio pálido. Agora ele estava “um pouco mais pálido”.

“Jesus Cristo e General Jackson”, exclamou Truman assim que desligou o telefone, surpreso demais para esconder. Ele tentou manter a calma. Disse aos presentes que precisava ir à Casa Branca devido a “uma solicitação especial”. Levantou-se de imediato, caminhou até a porta, colocou a mão na maçaneta, parou e se virou. “Rapazes, isso fica entre nós. Deve ter acontecido algo.”

Truman fechou a porta com firmeza e se apressou pelo Capitólio, já praticamente vazio. Seus passos ecoaram pelos corredores de mármore à medida que ele passava pelas estátuas de generais e



políticos, pela barbearia do Senado e subia as escadas para o seu gabinete de vice-presidente. Ele perdeu o fôlego. Pegou seu chapéu, avisou a equipe de que iria à Casa Branca e pediu sigilo. Não havia tempo para explicações. De qualquer forma, ele realmente não sabia muito mais do que isso.

Estava chovendo. Truman entrou no seu veículo oficial, um Mercury preto, e deu instruções a Tom Harty, o motorista. Novamente, saiu sem a escolta do Serviço Secreto. Devido ao clima e ao trânsito, Truman demorou mais de dez minutos para chegar à Casa Branca. Durante todo esse tempo, se perguntou o que estava acontecendo.

O presidente Roosevelt deveria estar em Warm Springs, na Geórgia, onde passara duas semanas para se recuperar da exaustão após a Conferência de Yalta, realizada com o primeiro-ministro britânico Winston Churchill e o líder soviético Joseph Stalin.

Talvez Franklin D. Roosevelt (F. D. R.) houvesse retornado. Seu velho amigo, Julius Atwood, um bispo episcopal aposentado, fora enterrado em Washington no início do dia. Será que o presidente comparecera à cerimônia e queria encontrar Truman? Entretanto, desde que se tornou vice-presidente, quase três meses antes, ele tivera apenas duas reuniões particulares com Roosevelt. Por que agora?

Às 17h25, o veículo de Truman virou na Pennsylvania Avenue, atravessou o Portão Noroeste e foi até o Pórtico Norte da Casa Branca. Na porta da frente, Truman foi recepcionado pelos porteiros, que pegaram seu chapéu e o conduziram até o pequeno elevador revestido de carvalho do presidente.

A primeira-dama, Eleanor Roosevelt, esperava por ele em seu escritório particular no segundo andar, acompanhada de sua filha, Anna, seu genro, o tenente-coronel John Boettiger, e Steve Early. As duas mulheres vestiam preto.

A primeira-dama se aproximou de Truman, colocou o braço em seu ombro e disse: “Harry, o presidente está morto.”

Truman ficou atordoado demais para falar. Ele se apressara à Casa Branca para encontrar o presidente. Agora, lá estava ele, descobrindo repentinamente que o cargo era seu.



Truman demorou alguns instantes para se recompor. Ele perguntou à Sra. Roosevelt: “Há algo que eu possa fazer por vocês?”

“Há algo que possamos fazer por você?”, respondeu ela. “Porque é você quem está com problemas agora.”

Minutos depois, às 17h47, o boletim de notícias atravessou o país e o mundo: F. D. R., o homem que, pelos últimos doze anos, liderara a nação durante a Grande Depressão, o ataque a Pearl Harbor e, agora, a vitória iminente na Segunda Guerra Mundial, faleceu de hemorragia cerebral aos 63 anos.

A Casa Branca, praticamente deserta com a ausência de Roosevelt, de repente ficou movimentada. Uma reunião do Gabinete foi marcada para às 18h15. Truman determinou que os líderes do Congresso fossem solicitados a comparecer. Harlan Stone, chefe de justiça dos EUA, foi convocado à Casa Branca para conduzir o juramento de posse. Ainda havia algo que Truman precisava fazer.

Às 18h, ele ligou para sua esposa, Bess, que estava em seu modesto apartamento de dois quartos, localizado na Connecticut Avenue. Sua filha, Margaret, atendeu. Ela ainda não havia recebido a notícia e começou a brincar com ele, como de costume. Ele a interrompeu e pediu que passasse o telefone para a mãe.

Geralmente, Truman compartilhava todos os detalhes com Bess. Porém, não havia tempo para isso agora. Ele disse que o presidente Roosevelt estava morto e que ele enviaria um carro para ela, Margaret e sua sogra, Madge Wallace, que vivia com a família. Ele queria que elas estivessem ao seu lado quando fizesse o juramento de posse.

Truman desligou o telefone. Ele percebeu que a conversa abalara Bess. Desde que aceitara a nomeação para vice-presidente no verão anterior, ele sabia que esse era o maior medo dela — que F. D. R. não vivesse o suficiente para terminar seu quarto mandato. Agora, ele e sua família haviam sido compelidos ao cargo que sua esposa temia.

Truman foi o primeiro a chegar à sala do Gabinete e se sentou à mesa grande. Logo o ambiente ficou cheio. Posteriormente, um dos



assessores de Roosevelt afirmou que Truman parecia “um homenzinho, sentado em uma enorme poltrona de couro”. Porém, assim que todos os funcionários do Gabinete que estavam em Washington chegaram, Truman se levantou. “Quero que cada um de vocês permaneça e prossiga”, disse a eles. “Desejo fazer tudo da forma que o presidente Roosevelt almejava.”

Houve um atraso devido à espera pelo chefe de justiça. A família de Truman teve que atravessar uma multidão imensa que se aglomerara do lado de fora do prédio no qual seu apartamento ficava. Os assessores se apressaram para encontrar uma Bíblia e finalmente acharam uma edição distribuída pelos Gidões na mesa do chefe de equipe.

Às 19h09, Truman e o chefe de justiça, Stone, se posicionaram em frente à cornija da lareira no final da sala do Gabinete, com a família de Truman e seus principais funcionários formando um semicírculo atrás deles. O chefe de justiça iniciou o juramento: “Eu, Harry Shipp Truman”, disse ele, supondo que o S de seu nome do meio era proveniente da família paterna, quando na verdade não representava nada.

“Eu, Harry S. Truman”, respondeu Truman, corrigindo o chefe de justiça.

Essa não foi a única falha. Depois que Truman finalizou o juramento, o chefe de justiça pediu que ele segurasse a Bíblia com sua mão esquerda, mas posicionou sua mão direita em cima dela. Assim, o ato solene precisou ser repetido, dessa vez com a mão direita do novo presidente levantada. Quando a solenidade de posse finalmente terminou, Truman beijou a Bíblia e se virou para beijar a esposa e a filha.

Após o juramento, o agora presidente conversou com seu Gabinete de forma sucinta. Ele repetiu sua intenção de prosseguir com a agenda de Roosevelt. Afirmou que sempre acataria os conselhos sinceros, mas deixou claro que seria ele quem tomaria as decisões finais e que, assim que o fizesse, esperava apoio total.

Quando a reunião acabou e os funcionários voltaram para casa, um homem permaneceu: Henry Stimson, o secretário da guerra.



Ele pediu para falar a sós com o presidente “sobre um assunto muito urgente”.

Aos 77 anos, Stimson era uma figura lendária. Ele servira cinco presidentes; Truman seria o sexto. Ao sentar-se com ele, Stimson disse que seria breve. O assunto era complicado e, posteriormente, forneceria mais detalhes. No entanto, ele queria que Truman soubesse sobre “um projeto enorme que estava em andamento” para desenvolver “um novo explosivo com um poder destrutivo quase inacreditável”. O projeto era tão secreto — e tão potencialmente perigoso — que pouquíssimas pessoas sabiam sobre ele. Stimson disse que o atualizaria após alguns dias, quando o presidente já tivesse se adaptado.



Harry Truman sendo empossado como presidente em 12 de abril de 1945.

Foi tudo o que Stimson disse. Suas informações breves e misteriosas intrigaram Truman. Porém, ele precisava assimilar muitos acontecimentos: a morte de F. D. R., a reação do país, sua responsabilidade repentina por liderar um esforço bélico na Europa e no Pacífico. O “projeto” de Stimson era mais um trabalho que fora incumbido a ele. Truman não fazia ideia de sua magnitude. Foi um dia em que, disse posteriormente, “o mundo caiu sobre mim”.



“Decidi que o melhor a se fazer é ir para casa, descansar o máximo possível e encarar as consequências”, escreveu em seu diário.



# CONTAGEM REGRESSIVA: 113 DIAS

15 de abril de 1945

Los Alamos, Novo México

Deveria ser primavera, mas a neve fresca rangia sob os pés de J. Robert Oppenheimer à medida que ele andava a passos rápidos pela base militar ultrassecreta na chapada do Novo México. Ele caminhava pela neve em direção ao cinema improvisado.

Oppenheimer era o diretor científico do Projeto Manhattan, o imenso esforço secreto dos EUA para desenvolver uma bomba atômica. Em qualquer outra manhã, ele conciliaria inúmeras tarefas diferentes em seu escritório: ler relatórios de progresso, escrever memorandos ou retornar telefonemas urgentes de Washington. Enquanto o país lá fora lutava na Segunda Guerra Mundial, dentro da instalação cercada, Oppenheimer e seu grupo de cientistas concentravam toda a sua energia e expertise “na engenhoca”, uma nova e terrível arma de destruição em massa.

Porém, essa era uma manhã de domingo atípica. Oppenheimer reuniu pesarosos cientistas, militares, equipe de apoio e famílias que viviam na cidade secreta de Los Alamos para uma homenagem póstuma ao presidente Roosevelt. Ele nunca havia proferido um discurso fúnebre.

Um físico teórico genial, Oppenheimer não tinha dificuldades de falar sobre teorias científicas complexas que explicavam o funcionamento do universo para colegas e alunos das principais universidades do país. Ele era fluente em seis idiomas e bem versado em literatura clássica e filosofia oriental. Aprendeu sânscrito apenas para ler o *Bhagavad Gita*, um poema devocional hindu, em seu idioma de origem.



Três dias haviam se passado desde o falecimento do presidente Roosevelt em um spa na Geórgia. Oppenheimer despendera grande parte desse tempo se esforçando a fim de encontrar as palavras certas para homenageá-lo.

Ele sentiu a perda de uma forma profundamente pessoal. O presidente conduziu os EUA em alguns dos momentos mais difíceis do país. Roosevelt estava na Casa Branca desde 1933, quando assumiu o cargo no ápice da Grande Depressão. Ele se esforçou para restaurar a fé e a confiança do povo norte-americano, elaborando planos ambiciosos para recuperar a economia.

Quando as forças japonesas atacaram a base naval dos EUA em Pearl Harbor, no Havaí, em 7 de dezembro de 1941, o país recorreu a Roosevelt novamente. Grande parte dos EUA soube do ataque quando um boletim de notícias interrompeu os programas de rádio na tarde de domingo. “Japão?” As pessoas balançavam a cabeça com incredulidade e ajustavam seus rádios. Era verdade? Seria possível? No dia seguinte, pelo rádio, Roosevelt se dirigiu ao Congresso e à nação por meio de um discurso que ecoaria ao longo dos anos. O ataque foi “imotivado” e “ignóbil”, disse. O dia 7 de dezembro de 1941 consistia em uma “data que viverá na infâmia”.

O presidente fez uma promessa aos norte-americanos. “Não importa quanto tempo demore para superarmos essa invasão premeditada”, bradou, “o povo norte-americano, em seu justo poder, vencerá até alcançar a vitória absoluta”.

O Congresso declarou guerra ao Japão. Quatro dias depois, a Alemanha declarou guerra aos EUA. A nação se mobilizou. Para muitos norte-americanos, F. D. R. era o único comandante-chefe que eles já haviam conhecido. Ele foi eleito para a presidência quatro vezes e, depois de quase três anos e meio na Segunda Guerra Mundial, no momento em que os Aliados se aproximavam da vitória na Europa — e a guerra no Pacífico atingia um clímax sangüinário — Roosevelt faleceu repentinamente.

Então, uma rajada de incerteza abalou a hierarquia do Projeto Manhattan. Fora Roosevelt quem autorizara, anos antes, o projeto de pesquisa e desenvolvimento da bomba atômica, reunindo as mentes científicas mais brilhantes para uma operação que um dia, ele esperava, daria fim à guerra. F. D. R. foi essencial para que as



grandes corporações — DuPont, Standard Oil, Monsanto e Union Carbide — projetassem, fabricassem e operassem novos equipamentos e fábricas para auxiliar o desenvolvimento da arma. Laboratórios acadêmicos e industriais disponibilizaram seus melhores e mais criativos cientistas. Era um projeto caro, arriscado e encoberto pelo sigilo total.

Ninguém sabia ao certo onde ou se Harry Truman aceitaria o projeto. Como o físico Philip Morrison lembrou: “Não havia mais nenhum conhecido no alto escalão.”

A equipe de Los Alamos recorreu a Oppenheimer para obter respostas. Ele era um gênio da física teórica, mas seus dons não se limitavam à ciência. Sua mente aguçada era capaz de chegar ao cerne de qualquer problema e oferecer soluções claras e concisas. Seus colegas o descreviam como o pensador mais rápido que já conheceram. Nesse momento, essa perspicácia era mais necessária do que nunca.

Oppenheimer tinha 1,82 m de altura e pesava cerca de 61kg, era magro a nível de emaciação. Porém, ele se vestia como um dândi, usava ternos cinzas com cortes elegantes, camisas e gravatas azuis, sapatos bem engraxados e chapéus pork pie. Com um cigarro pendurado no lábio inferior, olhos azuis brilhantes e olhar penetrante, ele atraía as mulheres e intimidava os homens. “Oppie” tinha uma personalidade dissoluta e autoconfiante, sentia-se tão à vontade em um coquetel quanto em um auditório.

Filho de um imigrante alemão que ficara rico importando têxteis na cidade de Nova York, era esperado que Oppenheimer tivesse sucesso, e ele não frustrou as expectativas. Formou-se com a distinção acadêmica *summa cum laude* na Universidade Harvard em apenas três anos. Com 22 anos, obteve o doutorado em física na Universidade de Göttingen, na Alemanha, onde foi aluno do renomado físico Max Born. Em poucos anos, Oppenheimer conseguiu trabalhos de prestígio como docente da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e do Instituto de Tecnologia da Califórnia, em Pasadena. Ele dividia seu tempo entre as duas universidades; um semestre em Berkeley e o seguinte em Pasadena. Ao contrário da maioria dos professores da época, Oppenheimer era extravagante, um boêmio que incorporava o papel de docente e



lecionava com entusiasmo contagiante. Sem recorrer a anotações, tecia poesia e literatura por meio de conceitos matemáticos sublimes. Salientava que as questões científicas mais importantes ainda não haviam sido respondidas e desafiava seus alunos a sondarem os mistérios. Como lembrou um colega, ele contribuía com um “grau de sofisticação em física até então inédito nos EUA”.

Os alunos ficavam fascinados e inspirados. Eles acompanhavam o professor de Berkeley a Pasadena, cativados por suas excentricidades e gosto pela vida, seu apetite por filés malpassados, martínis bem fortes, alimentos apimentados e cigarros. Um marinheiro e praticante de equitação talentoso, parecia ter um amigo em cada esquina.

No entanto, Oppenheimer também tinha um lado sombrio. Sua genialidade poderia ser ofuscada pela melancolia e pela irritabilidade. Ele não tolerava conversa fiada. Interrompia amigos no meio da frase, especialmente se achava que o assunto não era intelectualmente estimulante. Os alunos que faziam perguntas impertinentes eram submetidos à humilhação pública. Um colega de longa data descreveu Oppenheimer como “desdenhoso ao nível da grosseria”.

Em 1942, quando Oppenheimer foi designado para liderar o Projeto Manhattan, alguns de seus colegas questionaram seu temperamento e sua falta de experiência administrativa, dizendo que não era capaz de “gerir um carrinho de lanches”. Ele teria que preencher a lacuna entre a inovação e a independência do meio acadêmico e a estrutura rígida das forças armadas.

Oppenheimer assumiu o cargo, o qual considerava o meio mais eficaz de acabar com a guerra. Convenceu cientistas de renome mundial a deslocar suas famílias e se juntar a ele no laboratório secreto de armas atômicas em Los Alamos, uma área remota cercada por cânions e altos cumes no extremo sul das Montanhas Rochosas. Oppenheimer trabalhava bem com líderes militares, incluindo seu homólogo, o general Leslie R. Groves.

Com o tempo, segundo seus amigos e colegas, Oppenheimer se transformou em um administrador maravilhosamente eficiente e carismático. Alguns dos maiores físicos do mundo se reuniram em Los Alamos, incluindo seis ganhadores do Prêmio Nobel. Seus egos



eram inflados, mas, de alguma forma, Oppie fez com que tudo corresse bem. Um colega afirmou que Oppenheimer era quase indispensável.

Em abril de 1945, Oppenheimer incorporou completamente seu papel como diretor científico do projeto. Ele tinha apenas 40 anos. Morava com sua esposa, Kitty, e seus dois filhos pequenos em uma modesta cabana em uma parte isolada de Los Alamos. O professor outrora excêntrico agora organizava jantares para cientistas convidados e colegas em sua casa. A diversão começava com dry martinis e continuava no jardim da frente quando o sol se punha.

A população de Los Alamos passou de algumas centenas de pessoas para 8 mil cientistas, militares e suas famílias. O perímetro do local de 22 hectares — “a Colina” — era rodeado por uma cerca de 3 metros de altura coberta com arame farpado. Na parte interna, outra cerca isolava a área técnica, com acesso restrito àqueles com a maior habilitação de segurança. Era onde ficava o escritório de Oppenheimer, bem como os laboratórios amplos usados para a pesquisa de bombas. Como se fosse um prefeito, ele costumava acenar e cumprimentar as pessoas enquanto passeava pelas ruas desarborizadas de Los Alamos. Era sempre tranquilo e gentil, nunca ficava sem palavras.





Uma festa em Los Alamos em 1944 (da esquerda para a direita): Dorothy McKibbin, responsável por recepcionar novos funcionários na cidade secreta; J. Robert Oppenheimer, diretor científico do Projeto Manhattan; e Victor Weisskopf, físico nuclear.

Porém, em 12 de abril, a notícia da morte do presidente foi um choque terrível. Thomas O. Jones viu um Oppenheimer mais abatido naquele dia, um homem enfrentando uma perda profunda.

O escritório de Jones, oficial de inteligência, ficava em um prédio conectado ao de Oppenheimer por uma passarela fechada. Ele se preparava para ir embora quando o telefone tocou. “Roosevelt está morto”, disse a voz do outro lado da linha. De início, Jones não acreditou.

“Tem certeza?”, interpelou.

A pessoa repetiu a mensagem. Ele permaneceu em um silêncio sepulcral. Sabia que precisava contar aos outros. A base era isolada do mundo. Não havia estações de rádio ou jornais. A cidade mais próxima era Santa Fé, a cerca de 56km de distância. De acordo com os mapas, Los Alamos não existia. Portanto, a maioria das pessoas de lá receberia a má notícia por meio de um alto-falante da área de tecnologia.

Jones decidiu contar a Oppenheimer. Ele saiu apressado de seu escritório em direção à passarela entre os prédios. No meio do caminho, avistou uma figura familiar se aproximando.

Oppenheimer já sabia, mas não podia acreditar. “É verdade?”, perguntou.

“Sim, Oppie”, respondeu Jones, com brandura.

Foi apenas a confirmação do que Oppenheimer esperava ouvir.

Ao mesmo tempo, os funcionários da área de tecnologia souberam da morte do presidente. Tudo parou. Os cientistas perguntavam uns aos outros: “Você ficou sabendo?” Alguns adentraram um silêncio incrédulo. Outros choraram. Eles saíram dos laboratórios e se dirigiam aos corredores e aos degraus. Ninguém queria ficar sozinho.

Na passarela, Jones percebeu que Oppenheimer estava visivelmente abalado, com o rosto pálido e sombrio. Conversaram



sobre o presidente e como ele salvara a nação. Oppenheimer elogiou o bem que Roosevelt fizera, sua inteligência e sua “personalidade magnética”.

Na verdade, Oppenheimer e Roosevelt nunca conversaram muito. Eles mantinham uma distância respeitosa e, na maioria das vezes, se comunicavam por meio de intermediários. Sempre que F. D. R. tinha a oportunidade, elogiava Oppie pelo trabalho “extremamente importante” que ele supervisionava no Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento de Armas em Los Alamos.

Em uma carta de 29 de junho de 1943 para Oppenheimer, Roosevelt tentou amenizar o crescente antagonismo entre os cientistas e o general Groves, o severo líder militar do projeto. Roosevelt soube que alguns cientistas começavam a sucumbir à pressão de prazos que consideravam inviáveis. Eles lamentavam viver sob forte vigilância. Alguns duvidavam que a bomba pudesse ser construída e questionavam a sensatez de trabalhar com um material tão perigoso.

A carta de Roosevelt reconhecia Oppenheimer como o líder de um grupo de cientistas de elite que operava sob segurança estrita e “restrições muito específicas”. O presidente solicitou que ele convencesse sua equipe de que as restrições eram necessárias. Pediu que comunicasse sua gratidão pelo trabalho árduo e pelos “sacrifícios pessoais”.

“Sei que podemos confiar em seu trabalho contínuo e empenhado. Independentemente do que o inimigo planejar, a ciência norte-americana estará à altura do desafio”, escreveu Roosevelt.

Agora, enquanto se preparava para a homenagem póstuma, Oppenheimer sabia que alguns de seus cientistas ainda tinham dúvidas sobre o projeto de desenvolver uma bomba atômica. Ultimamente, físicos influentes, como Leo Szilard, expressavam oposição moral ao uso da arma na guerra. Szilard iniciara uma petição, coletando os nomes de colegas cientistas que sentiam o mesmo.



Porém, apenas por esse dia, Oppenheimer queria deixar essas preocupações de lado. Na noite anterior, ele ficou acordado até tarde para finalizar seu discurso fúnebre. De manhã, observou a neve cobrindo seu jardim, as ruas, a cidade toda. Morrison, o físico, recordou a neve como um “gesto de consolação”.

As ruas, geralmente agitadas, permaneciam silenciosas. Assim como a maioria dos EUA, Los Alamos estava de luto. A calçada do lado de fora do teatro estava vazia; a neve fora pisoteada pelos pés das centenas de pessoas que aguardavam no local. Jones encontrou Oppie na entrada e o conduziu para dentro. O chefe deixou para trás seu característico chapéu pork pie.



THE WHITE HOUSE  
WASHINGTON

June 29, 1943

*Secret*

My dear Dr. Oppenheimer:

I have recently reviewed with you, Bush, the highly important and secret program of research, development and manufacture with which you are familiar. I was very glad to hear of the excellent work which is being done in a number of places in this country under the immediate supervision of General L. R. Groves and the general direction of the Committee of which you, Bush, is Chairman. The successful solution of the problem is of the utmost importance to the national safety, and I am confident that the work will be completed in as short a time as possible as the result of the wholehearted cooperation of all concerned.

I am writing to you as the leader of one group which is to play a vital role in the months ahead. I know that you and your colleagues are working on a hazardous matter under unusual circumstances. The fact that the outcome of your labors is of such great significance to the nation requires that this program be even more scrupulously guarded than other highly secret war developments. I have therefore given directions that every precaution be taken to insure the security of your project and feel sure that those in charge will see that these orders are carried out. You are fully aware of the reasons why your own endeavors and those of your associates must be circumscribed by very special restrictions. Nevertheless, I wish you would express to the scientists assembled with you my deep appreciation of their willingness to undertake the tasks which lie before them in spite of the dangers and the personal sacrifices. I am sure we can rely on their continued wholehearted and unselfish labors. Whatever the pump may be planned, urgent reference will be equal to the challenge. With this thought in mind, I need this note of confidence and appreciation.

A CASA BRANCA  
WASHINGTON

29 de junho de 1943

*Secret*

Meu caro Dr. Oppenheimer,

Recentemente, eu e o Dr. Bush avaliamos o altamente importante e secreto programa de pesquisa, desenvolvimento e produção com o qual você está familiarizado. Fiquei muito contente ao ouvir sobre o excelente trabalho que está sendo realizado em vários lugares deste país, sob a supervisão imediata do general L. R. Groves e a orientação geral do comitê presidido pelo Dr. Bush. A solução satisfatória do problema é de extrema importância para a segurança nacional. Estou confiante de que o trabalho será concluído o mais rápido possível, como resultado da cooperação incondicional de todos os envolvidos.

Escrevo para você pois é o líder de um grupo que deve desempenhar um papel fundamental nos próximos meses. Sei que você e seus colegas estão trabalhando em algo perigoso, sob circunstâncias excepcionais. O fato de o resultado de seu trabalho ser de tão grande importância para a nação exige que esse programa seja ainda mais protegido do que outros desenvolvimentos secretos de guerra. Portanto, dei instruções para que sejam tomadas todas as precauções a fim de garantir a segurança do seu projeto. Tenho certeza de que os responsáveis constatarão o cumprimento dessas ordens. Você tem plena consciência das razões pelas quais seus próprios esforços e os de seus colaboradores devem ser circunscritos a restrições muito específicas. Não obstante, gostaria que você expressasse aos cientistas que o acompanham minha profunda gratidão pela sua disposição em realizar as tarefas impostas, apesar dos perigos e dos sacrifícios pessoais. Sei que podemos confiar em seu trabalho contínuo e empenhado. Independentemente do que o inimigo planejar, a ciência norte-americana estará à altura do desafio. Com esse pensamento em mente, envio esta mensagem de confiança e apreço.

Carta do presidente Franklin D. Roosevelt para J. Robert Oppenheimer, 29 de junho de 1943.

Oppenheimer caminhou lentamente até o palco, e as pessoas, amontoadas nas fileiras de bancos de madeira, se calaram. Para alguns que conheciam Oppie há anos, ele parecia um pouco mais velho do que o jovem físico impetuoso que fora tão famoso na



Califórnia. Muitos dos presentes, como Jones e Morrison, se perguntavam se isso significava o fim de todo o projeto.

Com uma bandeira norte-americana a meio mastro ao fundo, Oppenheimer se posicionou no palco e esperou alguns instantes. Então, com uma voz quase sussurrada, ele começou o discurso fúnebre preparado para tranquilizar os inúmeros funcionários de Los Alamos.

“Há três dias, quando o mundo soube da morte do presidente Roosevelt, muitos, não acostumados às lágrimas, choraram; muitos homens e mulheres, pouco habituados às orações, rezaram para Deus. Muitos olharam para o futuro com profunda angústia; muitos deixaram de ter tanta certeza de que nosso trabalho seria benéfico; todos nós nos lembramos do quão preciosa é a grandeza humana.

“Temos vivido anos de muita maldade e muito terror. Roosevelt foi nosso presidente, nosso comandante-chefe e, em uma acepção antiga e não deturpada, nosso líder. Em todo o mundo, homens o procuraram em busca de orientação e o consideraram um símbolo da esperança de que os males dessa época não se repitam; de que os terríveis sacrifícios passados, e os futuros, resultem em um mundo mais adequado à habitação humana. Em tempos malignos como esse, os homens reconhecem sua impotência e sua profunda dependência. Relembremos o período medieval, quando a morte de um rei sábio, bondoso e justo fazia com que seu país afundasse em desespero e luto.”

Em seguida, Oppenheimer recorreu ao texto que lhe trouxe tanto conforto ao longo dos anos.

“O *Bhagavad Gita*, escritura hindu, afirma: ‘Cada um se constitui por sua própria fé; tal é a fé, tal é o homem.’ A fé de Roosevelt é compartilhada por milhões de homens e mulheres em todos os países do mundo. Por esse motivo, é possível manter a esperança; por esse motivo, é justo que nos dediquemos à esperança de que suas boas ações não terminem com sua morte.”

Depois, os cientistas e suas famílias se levantaram, em silêncio e cabisbaixos, entristecidos demais para falar.



Embora não estivesse claro como Truman lidaria com o Projeto Manhattan, Oppenheimer tentou se manter otimista. Após a homenagem, ele abordou seu amigo David Hawkins, um físico.

“Roosevelt foi um grande arquiteto”, disse Oppenheimer. “Talvez Truman seja um bom carpinteiro.”

Todavia, ele não tinha certeza. Sabia apenas que, após anos de pesquisa intensa e bilhões de dólares dos impostos, era melhor que os cientistas de Los Alamos entregassem o que lhes foi pedido, e logo.



# CONTAGEM REGRESSIVA: 105 DIAS

23 de abril de 1945

Wendover, Utah

O coronel Paul Tibbets Jr. franziu o rosto e afastou o telefone do ouvido enquanto um policial de Salt Lake City gritava do outro lado da linha. No final de semana, alguns aviadores do coronel apareceram na cidade como se fossem vaqueiros após conduzir uma boiada, e o policial disparou uma extensa lista de problemas. Ultrapassar o limite de velocidade, furar o sinal vermelho, festejar no Hotel Utah com uísque e mulheres desvairadas, brigar com valentões da região.

Tibbets suspirou. Ele e seus homens estavam confinados naquela deserta pista de pouso há muito tempo. Estava na hora do 509º Grupo Composto sair da Base Aérea de Wendover e começar a causar problemas de verdade para inimigos reais.

Ele disse ao policial que logo os aviadores estariam fora do seu caminho e da cidade. Prender seus homens altamente treinados devido a uma estripulia de final de semana não resolveria nada e desperdiçaria o investimento da nação.

O policial teve que concordar. Após mais algumas palavras tranquilizadoras, Tibbets desligou o telefone.

Durante meses, o coronel conduziu seus homens implacavelmente. Eles não tinham conhecimento dos detalhes. Apenas sabiam que treinavam para uma missão secreta de bombardeio que poderia acabar com a guerra. Agora estavam preparados, mas e a bomba? Esse era o único questionamento de Tibbets. Ele foi e voltou de Los Alamos, e foi informado de que os cientistas ainda faziam “ajustes”. Preocupavam-se mais em produzir a arma perfeita do que se contentar com a que tinham.



Pareciam intermináveis os processos de melhoria da concepção, execução de mais testes e aplicação de alterações antes que Tibbets tivesse permissão para realmente lançar a maldita bomba. E, claro, ainda havia dúvidas sobre a eficácia da arma.

Tibbets não precisava apenas lidar com a polícia ou com os cientistas de Los Alamos. Ele comandava uma complexa operação militar secreta em Utah, que envolvia centenas de aviadores, navegadores, pilotos de bombardeiro e pessoal de apoio. Só ele e algumas pessoas sabiam do que se tratava. E todos os problemas do 509º ficavam sob sua responsabilidade.

Sua esposa, Lucy, e seus dois filhos pequenos moravam em uma pequena casa perto da base aérea, mas ele raramente ficava em sua residência. Estava tão ocupado com a missão que brincar com os filhos e conversar durante a noite com a esposa se tornaram doces lembranças. Essa diligência foi uma das razões pelas quais seus comandantes o escolheram para o trabalho. Ele era organizado, rigoroso e se juntara ao Corpo Aéreo do Exército anos antes do início da guerra. Porém, o mais importante, era “o melhor piloto” do Exército, nas palavras de um general. Sua experiência na cabine de comando era essencial para a tarefa perigosa. O piloto que realizaria a missão não precisaria apenas lançar a bomba atômica com precisão, mas executar curvas e mergulhos perfeitos para evitar sua explosão. Caso contrário, os efeitos poderiam destruir o avião.

Se alguém poderia fazer isso, era Tibbets. Ele era um cara bonito e confiante, com uma discreta covinha no queixo. No entanto, não era uma personalidade de Hollywood, mas um experiente piloto de bombardeiro que prosperava sob pressão. Em 1942 e 1943, Tibbets conduziu os generais Dwight Eisenhower e Mark Clark em missões no Norte da África. Certa vez, quando levava Clark para Argel, ele aterrissou magistralmente sob o ataque de bombas antiaéreas e metralhadoras.

Tibbets pilotou em dezenas de missões de bombardeio de combate no Norte da África e na Alemanha e, depois, foi enviado aos Estados Unidos para comandar o programa de testes de voo do B-29 Superfortress, projetado pela Boeing para operar mais rápido, em altitudes mais elevadas e com cargas de bombas mais pesadas



que seu antecessor, o B-17 Flying Fortress. O B-29 era capaz de voar mais de 4.800km — exatamente o que os militares dos EUA precisavam, já que ele se aproximava mais do Japão. Porém, o novo bombardeiro matou seu primeiro piloto de teste e alguns o consideravam perigoso demais.

Tibbets mostrava-se destemido e esperava o mesmo dos outros pilotos. Um comandante resoluto, era perfeccionista, o que irritava alguns de seus colegas. Mas ele não se importava. Estava no comando, então eles teriam que fazer as coisas à sua maneira — “do jeito certo”.

Tibbets nasceu em Quincy, no estado de Illinois. Seu pai era um ex-capitão de infantaria da Primeira Guerra Mundial que, depois, geriu um comércio atacadista de doces. Indiretamente, isso originaria sua paixão. Aos 12 anos, como parte de uma divulgação da nova barra de chocolate Baby Ruth, ele voou pela primeira vez em um biplano. Seu pai era o distribuidor da região e um piloto local foi contratado para lançar Baby Ruths sobre uma grande concentração de pessoas.

Quando o menino soube da manobra publicitária, implorou para que pudesse ir junto. O piloto não concordou de imediato, pois queria manter o filho do chefe em segurança. Assim que a permissão foi concedida, o piloto incumbiu o garoto de ajudar um grupo de funcionários do depósito a prender um minúsculo paraquedas de papel em cada barra de chocolate, a fim de que caíssem suavemente no chão.

Quando o avião foi carregado com doces, Tibbets entrou na cabine e afivelou o cinto ao lado do piloto. O motor rugiu, o piloto empurrou o manete de aceleração e logo o avião decolou. Com o vento em seu rosto, o garoto não conseguia parar de sorrir. Não demorou muito para chegarem a uma pista de corrida, a qual o piloto sobrevoou em círculos, possibilitando que a multidão avistasse o biplano. Enquanto o piloto guiava, Tibbets arremessava barras de chocolate para as pessoas abaixo. Durante anos, brincou que essa foi sua primeira missão de bombardeio. No momento em que o avião levantou voo, ele ficou fascinado. Posteriormente, disse a seus amigos: “Assim que vivenciei uma amostra



emocionante da vida de um aviador, soube que nada mais me satisfaria.”

Entretanto, seu pai queria que ele fosse médico. Tibbets frequentou a Western Military Academy em North Alton, Illinois, e, em 1933, ingressou na Universidade da Flórida. Depois das aulas, costumava parar no aeroporto de Gainesville para observar os aviões. Certo dia, decidiu que era hora de aprender a pilotar. Começou a fazer aulas, US\$7 por 30 minutos. Ele tinha um talento nato e rapidamente superou seu instrutor.

Após cursar o segundo ano, Tibbets se transferiu para a Universidade de Cincinnati com o intuito de concluir os estudos preparatórios de medicina. Ele morava com o Dr. Alfred Harry Crum, um cirurgião amigo de seu pai. Tibbets passava a maior parte de seus fins de semana trabalhando como auxiliar no hospital desse médico, mas, em seu tempo livre, se esgueirava para o aeroporto Lunken a fim de fazer amizade com os pilotos.

Dr. Crum percebeu o interesse do jovem Tibbets em pilotar e o incentivou a seguir seu sonho. Talvez pudesse fazer uma carreira na aviação comercial. Porém, ele sabia que seu pai não aprovaria.

Então, no final de 1936, tudo ficou claro. Um anúncio na revista *Popular Mechanics* praticamente gritou para Tibbets: “Quer aprender a pilotar?” Ele já sabia, mas foi a frase seguinte que realmente chamou sua atenção: o Corpo Aéreo do Exército procurava pilotos. No dia seguinte, Tibbets, que já tinha 21 anos, enviou sua inscrição pelo correio e, pouco antes de ir para casa nas férias, recebeu a carta de aprovação no programa. Ele se tornaria um cadete aviador.

Agora ele precisava contar aos pais que deixaria a faculdade para se juntar às forças armadas. Seu pai não gostou: “Paguei seus estudos, comprei carros e dei dinheiro para sair com as garotas, mas, daqui em diante, você está por conta própria. Se quer se matar, vá em frente, não dou a mínima.”

Sua mãe, Enola Tibbets, ficou quieta durante a bronca do marido. Quando ele parou para recuperar o fôlego, ela deixou que o silêncio tomasse conta do ambiente antes de falar.



“Paul, se quiser pilotar aviões, vai dar tudo certo”, disse quase em um sussurro. Tibbets se sentiu confiante. Ele estava tomando a decisão certa. Nada de ruim aconteceria.

Tibbets relembrava essas palavras sempre que tinha um problema em combate. Em fevereiro de 1937, quando partiu para o treinamento básico, sua mãe disse: “Filho, um dia teremos muito orgulho de você.” E, desde então, em seus oito anos no serviço militar, ele fizera tudo certo.



Coronel Paul W. Tibbets.

Após o treinamento básico de voo no Randolph Field em San Antonio, no Texas, ele foi designado para Fort Benning, na Geórgia. Foi lá que ele conheceu Lucy Wingate, uma delicada e bela garota do sul. Eles se apaixonaram e se casaram em 1938.

Tibbets rapidamente subiu na hierarquia do Corpo Aéreo, que, em 1941, passou a se chamar Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos. Em junho de 1942, logo após ser enviado para a Europa, ele foi nomeado comandante de um esquadrão do 97º Grupo de Bombardeio.

Em agosto de 1942, Tibbets liderou a primeira missão norte-americana de bombardeiro pesado na França ocupada. No total, realizou 25 missões de combate pilotando o avião B-17 Flying Fortress, o qual apelidou de *Red Gremlin*. Ele levou o general de brigada Clark de Londres a Gibraltar, como preparação para a



Operação Tocha, a invasão dos Aliados no Norte da África. Algumas semanas depois, Tibbets levou o general de divisão Eisenhower, comandante supremo das forças aliadas, para Gibraltar.

As habilidades de Tibbets foram elogiadas por seu comandante, o general de brigada Jimmy Doolittle, que já era uma lenda militar. Em 1942, ele liderara um ousado bombardeio em Tóquio, o primeiro ataque norte-americano ao território japonês. Posteriormente, a missão foi retratada no filme *Thirty Seconds Over Tokyo*. Doolittle foi interpretado pelo ator Spencer Tracy.

Então, em fevereiro de 1943, quando Tibbets foi chamado ao escritório de Doolittle, ele pensou que provavelmente teria que transportar outro general de alto escalão. No entanto, Doolittle contou-lhe sobre um pedido do general Henry “Hap” Arnold, Chefe do Estado-Maior da Força Aérea. “O general Arnold quer que meu melhor oficial superior, com mais experiência em pilotar B-17, retorne aos EUA”, disse. “Eles estão construindo um avião chamado B-29 e têm tido muitos problemas. O cargo é seu.”

Um mês depois, Tibbets estava em solo norte-americano, realizando testes de voo com engenheiros na fábrica da Boeing. Ele foi a Alamogordo, no Novo México, para ajudar um professor a determinar a vulnerabilidade do B-29 ao ataque de caças. Sua função era testar as teorias em simulações de combate. O B-29 designado para os testes estava totalmente equipado com armas e blindagem, mas, quando Tibbets chegou ao trabalho, descobriu que seu avião ficaria inativo por, pelo menos, dez dias. Decidiu tentar pilotar um “esqueleto” do B-29, um avião sem armamentos. Com a aeronave 3 mil quilos mais leve, Tibbets ficou impressionado com a facilidade de controle e a altura que alcançava. Ele memorizou esses dados.

Em março de 1944, o Exército inaugurou uma escola de treinamento do B-29 em Grand Island, no Nebraska, e Tibbets foi escolhido como diretor de operações. Fazia sentido. Ele passara mais tempo de voo em um Superfortress do que qualquer outro piloto. A atribuição durou pouco. Em setembro, Tibbets foi convocado para uma reunião secreta na base da Segunda Força Aérea do Exército dos EUA em Colorado Springs.



Tibbets nada sabia sobre a reunião, nem mesmo quem estaria presente. Ele se acalmou e entrou na sala, onde havia três pessoas: o coronel John Lansdale, oficial de inteligência do Exército dos EUA; o capitão da marinha William “Deak” Parsons, “especialista em explosivos”; e o professor Norman Ramsey, físico de Harvard.

Lansdale avisou que gostaria de fazer algumas perguntas a Tibbets sobre sua carreira militar. No entanto, eles logo começaram a abordar sua vida civil. Alguns questionamentos eram extremamente pessoais. “É um interrogatório”, pensou Tibbets. Por fim, Lansdale declarou que tinha uma última dúvida: “Você já foi preso?”

Tibbets respirou fundo. “Sim”, respondeu. Quando tinha 19 anos e era estudante universitário, um “policia! intrrometido com uma lanterna” flagrou ele e uma garota “fazendo amor” no banco de trás do seu carro, estacionado em North Miami Beach, na Flórida. “Posteriormente, as acusações foram retiradas”, explicou. Todos na sala de reunião já sabiam sobre essa imprudência, afinal, haviam verificado seus antecedentes. Só queriam averiguar se Tibbets falaria a verdade. Ao ser honesto, constataram que ele era a pessoa certa. Então, o general Uzal G. Ent, comandante da Segunda Força Aérea, assumiu a palavra — e foi direto ao ponto.

Ele contou a Tibbets sobre o Projeto Manhattan, um plano para construir uma bomba tão poderosa que explodiria com a mesma força de “20 mil toneladas de alto-explosivo convencional”. Tibbets fora escolhido para desenvolver um método de lançamento da bomba sobre a Alemanha ou o Japão. Sua missão recebeu o codinome “Operação Silverplate”. Ent avisou a Tibbets que, se não respeitasse o sigilo, seria julgado na corte marcial.

Tibbets teria acesso a tudo o que precisasse, disseram, de homens a suprimentos. Se alguém causasse problemas, era só explicar que a solicitação era para a Operação Silverplate. Ele tinha carta-branca.

Para o programa de treinamento, Tibbets escolheu a Base Aérea de Wendover, um local remoto na fronteira entre os estados de Utah e Nevada. Ele começou a reunir as pessoas adequadas para formar seu novo grupo. Vasculhou a memória em busca de membros notáveis das tripulações de voo que serviram com ele na



Europa e no Norte da África, bem como no programa de treinamento do B-29.

No topo da sua lista estava o capitão Theodore “Dutch” Van Kirk, navegador, e o major Thomas Ferebee, piloto de bombardeiro, seus companheiros de tripulação nos velhos tempos do *Red Gremlin*. Quando estavam de folga, Van Kirk e Ferebee, ambos jovens e solteiros, adoravam beber, jogar e farrear em Londres. Às vezes, Tibbets os acompanhava.

Ferebee foi o primeiro a chegar em Wendover, e Van Kirk apareceu logo depois. Em uma missão, o piloto de bombardeiro era responsável por atingir alvos inimigos. Na opinião de Tibbets, ninguém fazia isso melhor do que Ferebee. De uma cidade pequena da Carolina do Norte, ele era alto e bonito, uma ex-estrela de beisebol do ensino médio que fez um teste para jogar no Boston Red Sox.



O capitão Theodore J. Van Kirk, o coronel Paul Tibbets e o major Thomas Ferebee em frente ao *Red Gremlin*, o bombardeiro que usaram durante suas missões na Europa.



Com seu bigode, o sotaque tranquilo do sul e a predileção por jogatina e por paquerar mulheres, ele era como o personagem fictício Rhett Butler de... *E o Vento Levou*.

Ao contrário de Ferebee, Van Kirk acabara de sossegar. O aviador de aparência juvenil se casou com uma garota de sua cidade natal, em Northumberland, na Pensilvânia. Aos 24 anos, Van Kirk era um pouco mais tranquilo que Ferebee, mas ambos eram perfeccionistas — assim como seu comandante. O trio trabalhou em conjunto para elaborar a lista de membros da equipe de Tibbets, a qual incluía Jacob Beser, um atlético e sarcástico garoto judeu de Baltimore, formado em engenharia na Universidade Johns Hopkins.

Beser aproveitou a oportunidade. Em setembro de 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia, iniciando a Segunda Guerra Mundial, ele pressionou seus pais para deixá-lo ingressar na Força Aérea Real. Odiava os nazistas. Sabia que seus parentes na França e na Alemanha eram alvos naturais do antissemitismo fanático de Hitler. Seus pais também estavam revoltados, mas insistiam para que se formasse. Quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, Beser já estava farto. Alistou-se nas Forças Aéreas do Exército no dia seguinte.

Porém, mais de três anos depois, Beser ainda não tinha visto nenhuma ação. Após o treinamento básico, foi enviado a Harvard para aprender sobre radar. A tecnologia era nova e de importância crescente, e ele se tornou um dos especialistas em radar mais qualificados do Exército.

Beser insistia para servir em uma unidade de combate a fim de “vingar seus parentes da Europa”, mas seu pedido sempre era indeferido. Estava fadado a ensinar recrutas sobre radar. Ele acabara de fazer outra solicitação quando Tibbets o escolheu para sua equipe.

Tibbets fez o mesmo com o primeiro-sargento George “Bob” Caron, um artilheiro de cauda. Quando Caron chegou em Wendover — uma empoeirada vastidão desértica a cerca de duzentos quilômetros a oeste de Salt Lake City —, seu uniforme estava sujo e seu colarinho, desabotoado; violações das regras



militares. Quando um policial militar o abordou, Caron ouviu uma voz familiar.

“É você, Bob?”

Ele se virou e Tibbets apertou sua mão. Caron sorriu e o policial militar se retirou. O comandante conduziu o recém-chegado a seu escritório e foi direto ao assunto.

“Bob, preciso de um homem que saiba o que está fazendo e que possa ensinar outras pessoas a realizarem um trabalho semelhante. E que fique de boca fechada”, disse Tibbets.

“Coronel, nem sequer mencionarei que estou aqui”, afirmou Caron.

O capitão Robert A. Lewis, um aviador arrogante, nascido no Brooklyn, era outro escolhido para integrar a equipe. No programa do B-29, Tibbets se tornou seu mentor. Se Tibbets era o Joe DiMaggio dos pilotos, Lewis era o Ted Williams. Ele se considerava o *melhor* piloto das forças armadas, e muitas pessoas concordavam.

Ao recrutar homens suficientes para formar várias tripulações, Tibbets reunira alguns dos principais pilotos, navegadores e engenheiros de voo das forças armadas norte-americanas. Para ele, lealdade e sigilo eram as qualidades mais importantes. Tolerava comportamentos desordeiros entre seus homens, desde que soubesse que não contariam a ninguém o que estavam fazendo.

Em setembro de 1944, na sua primeira reunião com os membros do 509º, Tibbets resumiu tudo para eles: “Vocês não podem contar a ninguém sobre onde estão, quem são, o que estão fazendo. Nem para sua esposa, sua mãe, sua irmã, sua namorada, quem for.”

Para comprovar sua seriedade, os poucos homens que falaram demais foram repentinamente transferidos para uma base aérea no Alaska.

A equipe de Tibbets trabalhou por meses, estudando, discutindo, praticando. Todos se esforçaram e se divertiram bastante, procurando maneiras de ocupar o tempo durante a longa espera para o destacamento. A primavera chegou e a situação estava ficando agitada em Wendover. Era hora de prosseguir.



Nesse ínterim, os comandantes estavam ocupados preparando um novo lar para o 509º na pequena e estratégica ilha de Tinian, no Pacífico, a 2.575km ao sul de Tóquio. Conquistada pelas forças norte-americanas em julho de 1944, Tinian se tornara uma base aérea essencial, fácil de abastecer por via marítima e perfeita para lançar ataques aéreos de B-29 contra cidades japonesas.

Tibbets estava farto da espera. Pegou o telefone e ligou para a sede do comando das Forças Aéreas em Washington. Ele recorreu ao nome Silverplate. O 509º estava pronto para partir, disse. E, assim, o processo começou. Sabia que demoraria algumas semanas para que todos chegassem lá.

Em 26 de abril, eles se direcionaram a oeste, pela Western Pacific Railroad, e acabaram em Seattle, onde a maioria das equipes de solo pegaria um navio para Tinian. As tripulações do B-29 voariam posteriormente.

Tibbets colocou o plano em prática. Não demorou muito para que o telefone tocasse — um assistente do general Groves disse que Tibbets deveria ir a Washington para uma reunião urgente. O general estava insatisfeito, afirmou. Ele não daria detalhes. Tibbets foi.

Ele nem atravessara a porta do escritório quando Groves o abordou. Quem diabos o coronel achava que era para mandar o 509º ao exterior? Não estava claro que Groves era o comandante que supervisionava o projeto? Sua atitude equivalia à insubordinação.

Tibbets ficou em silêncio durante a bronca insultuosa. Sabia por que o general o estava repreendendo. Groves queria colocá-lo em seu devido lugar. Tibbets deveria ter pedido permissão a ele antes. Porém, quando Groves terminou, sua atitude surpreendeu. Ele abriu um sorriso largo e deu um tapinha no ombro de Tibbets. “Caramba, você nos fez avançar”, disse. “Agora eles não podem nos impedir.”

Tibbets só esperava que o general estivesse certo. Ele estava cansado de esperar enquanto o resto do mundo lutava.



# CONTAGEM REGRESSIVA: 104 DIAS

24 de abril de 1945

Okinawa, Japão

No alto do convés de um contratorpedeiro da Marinha dos Estados Unidos, o comandante Draper Kauffman perscrutava o mar, a ilha e o céu com um binóculo. Mais próximo, avançando em sua direção, estava um barco em compensado naval, embarcação estranhamente simples para uma equipe de elite de demolição subaquática dos EUA. Os “homens-rã” retornavam de outra missão de reconhecimento.

O ar estremecia e reverberava com o fogo de artilharia à medida que os projéteis disparavam rumo a Okinawa e explodiam em grandes nuvens de poeira.

À frente, outra coisa se movimentava. Kauffman desviou o olhar do mar para o céu e avistou o que parecia ser um bando de pássaros no horizonte. Um afluxo de aviões japoneses se aproximava da frota norte-americana.

“Camicases”, murmurou.

Kauffman já entrara em combate antes. Presenciara algumas das ações militares mais mortíferas dos EUA na guerra do Pacífico: Saipan, Guam, Iwo Jima. Ele mergulhara no oceano junto com seus homens-rã, destruindo obstáculos subaquáticos colocados para matar as tropas norte-americanas que desembarcavam nas ilhas remotas sob domínio japonês.

Eles estavam em Okinawa há quase um mês, lutando incessantemente. Kauffman chegara a uma conclusão categórica: as campanhas anteriores foram apenas um treino para essa. Okinawa era um suplício, uma maldita desgraça.



Da ilha repleta de vegetação densa, colinas, árvores, cavernas e búnqueres transbordavam inúmeros japoneses determinados a lutar até a morte. Os inimigos, mesmo os recrutas mais inexperientes, não acreditavam na rendição.

Quanto tempo os Aliados levariam para invadir esse lugar desolado? E, assim que o fizessem, Kauffman não esperava uma celebração de vitória. Não tão cedo.

O próximo passo após Okinawa era invadir o próprio Japão. Nenhuma data fora definida, mas os líderes militares que estavam nos EUA já falavam sobre ela nos jornais, preparando o público para os horrores e as mortes inevitáveis.

Uma semana antes, o general Joseph Stilwell, comandante das forças norte-americanas na China, Birmânia e Índia, afirmou que, apesar de todas as mortes de japoneses no Pacífico, o “inimigo está mais forte do que quando a guerra começou” e uma “luta desesperada” aguardava as tropas dos EUA.

Mais cidadãos foram convocados e treinados para a invasão. Um mês antes de seu falecimento, F. D. R. declarou que a mobilização da “maior força armada” da história dos EUA seria concluída até o final de junho. Homens mais velhos foram convocados, e recrutas “previamente dispensados em razão de ocupação” — acadêmicos e fazendeiros, monges e veteranos — foram escalados para substituir as enormes baixas sofridas pelo Exército norte-americano.

Kauffman amava a Marinha e comprometeu-se a servir sua nação. Era um solucionador de problemas, um otimista. Porém, naquele dia, no convés do contratorpedeiro USS Gilmer, ao avistar a quantidade de camicases, teve que se esforçar para permanecer positivo.

Ele desceu para encontrar os homens-rã.

Com a voz praticamente abafada pelo estrondo de granadas e disparos de metralhadora, Kauffman cumprimentou seus homens com sorrisos à medida que embarcavam no contratorpedeiro. “Ótimo trabalho!”, gritou. “Gostaria de ter dado um mergulho, em vez de ficar preso na ponte de comando.” Sabiam que era verdade, pois ele era um oficial participativo. Acompanhara-os nas missões em outros locais de risco.



Kauffman liderava pelo exemplo, algo que aprendeu com seu pai, que também foi um oficial de longa data da Marinha. O coroa, James Kauffman, agora era almirante. Draper estava determinado a seguir o mesmo caminho.

Mesmo sendo filho de um almirante, não foi uma jornada fácil. Kauffman foi aceito na Academia Naval dos Estados Unidos, mas não recebeu a patente de oficial quando se formou em 1933 por causa de seu problema de visão. Em vez disso, trabalhou para uma empresa de navegação em Nova York. No início de 1940, pediu demissão e ingressou no American Volunteer Motor Ambulance Corps na França. A mudança chocou sua família, que ficou preocupada com sua segurança. A Europa afundara na guerra desde que a Alemanha invadiu a Polônia em setembro de 1939. Na primavera de 1940, a França e a Inglaterra tentavam desesperadamente impedir a blitzkrieg nazista. Kauffman só queria fazer sua parte. Explicou sua decisão em uma carta que enviou para casa: “Acho que há ocasiões em que vale a pena lutar, mesmo que, no momento, não seja do seu próprio interesse.” Porém, logo após chegar ao território francês, foi capturado pelos alemães. Algumas semanas depois, a França sucumbiu.

Como Kauffman era norte-americano, os alemães decidiram libertá-lo. Porém, advertiram: vá para casa. Se o pegassem novamente, não teria tanta sorte. Ele cruzou a fronteira com a Espanha e conseguiu chegar à Inglaterra, onde agrupamentos de aviões da Luftwaffe lançavam bombas sobre Londres todas as noites. Edifícios desmoronaram; incêndios consumiram bairros inteiros. O Reino Unido era o único que ainda lutava contra Hitler. Com milhares de britânicos, Kauffman ouviu o primeiro-ministro Winston Churchill proferir discursos fervorosos no rádio, dando esperança a seu povo em um momento de desespero.

Draper Kauffman não estava disposto a ir para casa. Alistou-se na Royal Naval Volunteer Reserve e aprendeu a desarmar bombas. Ficou tão experiente que se tornou oficial imediato de neutralização de artefatos explosivos. Em novembro de 1941, o almirante Chester Nimitz pediu que ele iniciasse uma escola de desarmamento de bombas para a Marinha dos Estados Unidos.



Quase uma década após se formar na Academia Naval, finalmente recebeu sua patente.

No momento em que escolhia recrutas para a escola de desarmamento de bombas, Kauffman soube do ataque a Pearl Harbor. Precisava apressar o processo. Rapidamente começou a contratar, organizar e gerir a escola localizada nos arredores de Washington, D.C. Foi uma época agitada. Ficava muitas horas em escritórios e salas de aula. Em seu tempo livre, encontrava-se com Peggy Tuckerman, a melhor amiga de sua irmã mais nova. Conhecia-a há anos, então fazia sentido que se casassem antes de ele transferir seu grupo de treinamento para uma base em Fort Pierce, na Flórida, que era banhada pelo Oceano Atlântico. Lá seus homens poderiam treinar na água.



U. S. Naval Reserve Nov. 1941  
Lieut. - Lt. Comd. - Comdr.

Draper Kauffman em novembro de 1941, após receber sua patente da Marinha dos Estados Unidos para fundar uma escola de desarmamento de bombas. Em 1940 e 1941, fora oficial de neutralização de artefatos explosivos no Reino Unido.



Foi onde surgiram as equipes de demolição subaquática. Primeiro, Kauffman ensinou seus homens a desarmarem bombas e minas em terra, depois os levou ao mar. Afinal, eles estavam na Marinha, e minas subaquáticas destruíam navios e lanchas de desembarque que transportavam tropas para o combate.

A expertise de Kauffman chamou a atenção do almirante Richmond Turner, comandante das forças anfíbias no Pacífico. Ataques realizados a partir do mar haviam se tornado uma parte fundamental da estratégia militar dos EUA na guerra contra o Japão. Os comandantes norte-americanos elaboraram uma estratégia “island hopping”, que consistia em conquistar e fortificar ilhas importantes, uma após a outra, até que o próprio Japão estivesse ao alcance das bombas. Os norte-americanos ignoraram as ilhas fortemente defendidas e atacaram os pontos fracos do inimigo.

Eles se depararam com problemas ao longo do processo. Embora as invasões tivessem sido planejadas nos mínimos detalhes, a guerra anfíbia era arriscada. Após um longo bombardeio realizado por encouraçados e porta-aviões, grupos criteriosamente articulados de lanchas de desembarque — algumas transportando tropas, outras, equipamentos — avançaram alguns milhares de metros até pontos designados na praia. À medida que se aproximavam da costa, especialmente em águas rasas, as embarcações não só tinham que passar pelo fogo inimigo, mas também navegar por obstáculos naturais e artificiais ocultos sob a superfície: recifes, estacas de madeira, minas e bombas.

As primeiras operações anfíbias vitimaram milhares de norte-americanos, pois os oficiais só podiam supor a profundidade da água ou a presença de obstruções em águas rasas. Os comandantes concluíram que precisavam de um reconhecimento melhor. De alguma forma, para que os obstáculos pudessem ser removidos ou evitados, era necessário examinar o terreno subaquático entre o ponto de partida e a praia.

Era esse o propósito do especializado esquadrão antibombas subaquáticas de Kauffman. Os recrutas passavam por um programa de treinamento exaustivo, que consistia em seis semanas de desafios físicos. A “semana infernal”, logo no início, era a pior: sete



dias de treinamento físico ininterrupto com apenas algumas pausas para dormir e comer. E os uniformes nem sequer eram roupas. Nas missões, parecia que os homens-rã estavam a caminho de uma competição de natação, e não de uma zona de guerra. Usavam sunga, óculos e nadadeiras para proteger seus pés dos corais venenosos. Em seus membros, amarravam facas, kits de demolição, detonadores e lousas com lápis impermeáveis para elaborar mapas detalhados. Para se camuflarem e protegerem o corpo da água fria, passavam uma tinta à base de alumínio com tonalidade cinza azulado. “Para ser um homem-rã, era preciso estar física, mental e emocionalmente apto, do contrário, não se sobreviveria ao percurso”, lembrou Harold Ledien, ajudante de eletricista. “Nós nos tornávamos guerreiros despidos.”

Cada uma de suas lanchas de desembarque feitas de madeira carregava um bote inflável para levar suprimentos até a costa e transportar nadadores após a missão. Na época em que foram enviadas para Okinawa, as equipes já haviam provado seu valor. Os comandantes da invasão passaram a depender delas.

Kauffman orientava doze equipes em Okinawa, a maior das Ilhas Ryukyu, que incluía Kerama Retto e Ie Shima. Cada equipe era composta de cem homens e alguns funcionários, que faziam um trabalho considerável antes de a batalha começar. Okinawa, uma comunidade agrícola carente e superpovoada, foi escolhida como alvo por um motivo: estava próxima ao inimigo. Ficava apenas a 563km de Kyushu, a mais meridional das quatro principais ilhas japonesas. Em resumo, era o local perfeito para iniciar uma invasão ao Japão.

A equipe de Kauffman preparou o caminho.

Os homens-rã abriram canais de navegação através dos recifes de coral. A certa altura, usaram 16 toneladas de explosivos para formar um canal de 15 metros de largura e 91 metros de comprimento a fim de possibilitar que os veículos com rodas chegassem à cabeça-de-praia durante a maré baixa. A explosão foi tão grande que os homens em alguns navios norte-americanos a confundiram com um ataque.

Em outro local de desembarque, uma equipe de homens-rã encontrou 3.100 estacas de madeira pontiagudas com arame



farpado e minas, cravadas nos corais a quase dois metros de profundidade. Enquanto as canhoneiras norte-americanas disparavam para distrair o inimigo, os homens de Kauffman colocaram explosivos nas estacas e detonaram todas de uma vez.

Outra missão de reconhecimento levou à descoberta de 260 pequenas embarcações escondidas dentro de uma caverna. Eram “barcos suicidas” destinados a serem carregados com explosivos e conduzidos por soldados japoneses em direção aos navios norte-americanos, como camicases aquáticos. Kauffman ordenou que seus homens os explodissem.

Além dos trabalhos de demolição, os homens de Kauffman marcavam as profundidades da água nos recifes e os melhores lugares de desembarque na praia. Okinawa tinha 96km de comprimento e 26km na sua largura máxima, com quase 10 mil metros de praia. Cada vez que o Exército ou o Corpo de Fuzileiros Navais planejava desembarcar em um novo local, eles recorriam a Kauffman.

Finalmente, em 1º de abril, 180 mil soldados do Exército e da Marinha invadiram Okinawa.

Os homens-rã foram essenciais durante o desembarque em Ie Shima, no dia 16 de abril. Tudo ocorreu como planejado, mas Kauffman se lembrava de seu amigo Ernie sempre que ouvia o nome da ilha.

Em 18 de abril, Ernie Pyle, um lendário correspondente de guerra, foi morto por um franco-atirador em Ie Shima. Pyle acompanhou a guerra na Europa ao lado dos soldados e tinha acabado de chegar no Pacífico, pois queria escrever uma matéria sobre as equipes de Kauffman. Dizia que seus integrantes eram “metade peixe, metade louco”, mas Kauffman pediu que ele aguardasse para publicar o artigo, visto que os japoneses também liam jornais. Seus homens-rã poderiam se tornar presas fáceis em alto-mar, caso os atiradores japoneses ficassem à sua espera.

“Explicarei da seguinte forma”, Kauffman disse a Pyle. “Sou como um treinador de beisebol que ganhou dez jogos usando a



mesma camiseta suja, e ele não vai tirá-la até que perca, não importa quão forte seja seu odor.”

Pyle meneou a cabeça. “Esse é o pior motivo de supressão da imprensa norte-americana que já escutei.”

Kauffman sabia por que Pyle queria escrever uma matéria sobre seus homens-rã. Ele não buscava um grande furo jornalístico, apenas desejava que fossem “reconhecidos como mereciam pelo povo norte-americano”.

A notícia da morte de Pyle abalou Kauffman e muitos de seus homens. Primeiro F. D. R., depois Ernie, sem mencionar as baixas diárias que os rodeavam. Kauffman se certificou de que os membros da sua equipe estavam novamente a bordo do contratorpedeiro. Ordenou que fossem comer e descansar um pouco. A batalha estava se intensificando e havia mais missões de reconhecimento planejadas. Mais fogo inimigo. Mais camicases. Anos de guerra. Da proa à popa, estavam cercados pela morte. Sem um fim à vista.

Kauffman não tinha conhecimento sobre Los Alamos ou a poderosa bomba em desenvolvimento, mas sabia que os japoneses lutariam até o último homem. Após Okinawa, só restava um alvo. O maior e mais sangrento de todos.

Se Okinawa já era um inferno, uma situação ainda pior os esperava.



# CONTAGEM REGRESSIVA: 103 DIAS

25 de abril de 1945

Washington, D.C.

Harry Truman era presidente há apenas doze dias completos, mas já estava deixando sua marca. F. D. R. costumava realizar reuniões do Gabinete que se prolongavam, já que ele entretinha sua equipe com longas histórias. Truman era pragmático, passava de um item para o outro, eliminando-os rapidamente.

“Tudo que ele dizia era decisivo”, observou Henry Wallace, membro do Gabinete que precedeu Truman como vice-presidente e atuou como secretário de comércio de Roosevelt. Em seguida, acrescentou um elogio sarcástico: “Parecia que estava ansioso para decidir mesmo antes de pensar.”

Porém, aquela reunião era diferente. E a decisão decorrente seria a mais difícil que Truman — ou qualquer outro presidente — teria que tomar. No dia anterior, ele recebeu uma mensagem de Harry Stimson, secretário da guerra, que dizia: “Acho muito importante conversarmos quanto antes sobre um assunto altamente secreto.” Stimson o lembrou da breve conversa que tiveram na noite em que ele tomou posse como presidente. Agora, queria informar Truman detalhadamente. “Creio que você deveria saber disso assim que possível.”

Embaixo da mensagem, Truman orientou sua equipe: “Agendar para amanhã, quarta-feira, dia 25. H.S.T.”

Menos de um ano antes, se já era praticamente impensável a possibilidade de Truman se tornar vice-presidente, imagine suceder Franklin Delano Roosevelt como comandante-chefe. No verão de 1944, conforme F. D. R. se preparava para concorrer a um quarto mandato, os líderes do Partido Democrata queriam tirar o



vice-presidente Henry Wallace da chapa, pois era intelectual demais, de esquerda demais. Com a saúde de Roosevelt piorando, eles temiam que Wallace acabasse assumindo o mandato como presidente. Entretanto, quem deveria substituir Wallace? Apesar de sua saúde debilitada, Roosevelt nunca imaginou outra pessoa liderando o país.

Enquanto o presidente deixava essa questão pendente, os líderes do partido discutiam sobre os possíveis candidatos. Um deles era James Byrnes, o ex-senador e então juiz da Suprema Corte, a quem Roosevelt persuadiu a largar o cargo para gerir o Gabinete de Mobilização da Guerra. Truman concordou em fazer um discurso na convenção democrata a fim de nomeá-lo para vice-presidente. Alben Barkley, líder da maioria no Senado, também estava concorrendo. E Wallace achava que ainda ocupava o posto. Em julho de 1944, uma pesquisa de opinião revelou que apenas 2% dos eleitores apoiavam Truman.

O senador júnior do Missouri era simpático — um tipo inteligente, esforçado e sociável. Com 1,75m de altura, Truman era resoluto, franco, utilizava um linguajar pesado e prosperava no cenário turbulento da política. Sua carreira fora, para descrever de forma benevolente, sinuosa: fazendeiro, caixa de banco, vendedor, dono de armarinho. (Essa última atividade acabou sobrecarregando-o de dívidas.) Na juventude, foi oficial de artilharia do Exército e condecorado como veterano de guerra da Primeira Guerra Mundial.

Em 1922, Truman estava falido e desempregado, mas servira no Exército com um colega chamado Jim Pendergast, cujo tio era Tom Pendergast, líder político de Kansas City que precisava de alguém para concorrer a juiz do Condado de Jackson, praticamente um cargo de comissário do condado.

Pendergast era considerado corrupto, e Truman servia como uma boa “fachada”. Ele concorreu com um discurso baseado na honestidade — não desviaria dinheiro — e pavimentaria estradas de terra locais. Ganhou por uma diferença de menos de trezentos votos. Aos 38 anos, iniciou uma nova carreira na política.

Seu próximo passo em direção ao sucesso foi igualmente improvável. Em 1934, havia uma vaga disponível no Senado dos



EUA. O Chefe Pendergast abordou três candidatos, mas foi rejeitado por todos. O tempo estava se esgotando. E havia outro aspecto a ser considerado: St. Louis já tinha um representante no Senado. Ele precisava de um senador local para proteger sua máquina política em Kansas City, na parte oeste do estado.

Quando o pessoal de Pendergast contatou Truman, ele imediatamente salientou todos os motivos pelos quais não fazia sentido: “Ninguém me conhece e não tenho dinheiro.” A equipe de Pendergast argumentou que o apoiaria — com financiamento e uma forte organização. Truman reconheceu a oportunidade.

Ele concorreu com base em seu histórico, principalmente a pavimentação de estradas. “Truman tirou o Condado de Jackson da lama”, afirmou um de seus professores. Sua campanha era simples — “Back Roosevelt” [Apoie Roosevelt, em tradução livre] —, o que era muito válido após dois anos do New Deal. Acima de tudo, ele tinha o apoio da máquina política de Kansas City. Quando venceu as primárias, o que garantiu sua eleição no Missouri extremamente democrata, o jornal *St. Louis Post-Dispatch* o menosprezou ao descrevê-lo como “Garoto de Recados do Chefe Pendergast”.

No entanto, Truman conseguiu certa atenção como presidente do Comitê Especial do Senado para Investigar o Programa de Defesa Nacional, conhecido quase de imediato como Comitê Truman, cuja função era investigar a adjudicação de contratos de defesa.

Em julho de 1944, ele não tinha nenhuma expectativa de concorrer ao lado de Roosevelt. E, aparentemente, nem F. D. R. Naquele mês, o presidente disse: “Mal conheço Truman. Esteve aqui algumas vezes, mas não me causou nenhuma impressão especial.” As pessoas influentes do partido faziam um cálculo diferente. À medida que analisavam os possíveis candidatos, cada um tinha um problema. A força de Truman? Francamente, os líderes democratas achavam que ele prejudicaria menos a chapa nacional.

Porém, Truman resistiu às repetidas tentativas de participação na corrida eleitoral. Por fim, explicou o motivo: sua esposa, Bess, estava em sua folha de pagamento do Senado, ganhando US\$4.500



por ano. Truman tinha certeza — e razão — de que isso viria à tona se ele entrasse na chapa nacional.

Truman tinha 6 anos quando viu Elizabeth “Bess” Wallace pela primeira vez, na escola dominical em Independence, no Missouri. Apaixonou-se imediatamente por seus cabelos loiros e olhos azuis. Criou coragem para falar com Bessie apenas cinco anos depois, quando cursaram a 4ª série juntos.

Ela foi a única garota que ele cortejou. Em seus 20 anos, perseguiu Bess com a mesma persistência com que assumia qualquer outro projeto, incluindo um pedido de casamento que ela rejeitou. Finalmente, casaram-se em 1919, depois que Truman voltou da França e da guerra. Ele tinha 35 anos.

Durante toda a vida, Truman conversou sobre muitas coisas com sua esposa — pessoais e políticas. Começou a chamá-la de “a Patroa”. Margaret, sua única filha, disse que sempre que seu pai falava em público, buscava a aprovação de Bess.

Portanto, quando a incluiu em sua folha de pagamento, era um trabalho de verdade. Bess era uma conselheira confiável e a principal redatora dos discursos de Truman. Não tinha problemas em dizer ao marido exatamente o que pensava. Uma das únicas coisas que ele não acatava eram as observações sobre sua linguagem obscena.

Truman gostava de contar uma história sobre um discurso no qual usou a palavra “estrume” várias vezes. Um amigo se aproximou de Bess e falou: “Você poderia fazer Harry usar uma palavra mais requintada?” Ela respondeu: “Demorei anos para fazê-lo dizer ‘estrume’.” Era uma boa piada, mas Truman se preocupava com a questão política caso as pessoas descobrissem — como aconteceu — que sua esposa era “Payroll Bess” [Bessalariada, em tradução livre].

Suas preocupações não importavam. Na inauguração da convenção em Chicago, Robert Hannegan, presidente do Comitê Nacional Democrata, chamou Truman ao seu quarto de hotel. Os líderes do partido organizaram o encontro para que ele pudesse ouvir Hannegan ao telefone com o presidente Roosevelt, que estava em San Diego.



“Bob”, disse Roosevelt, “você já preparou aquele sujeito?”.

“Não”, respondeu Hannegan, “ele é o cara mais teimoso do Missouri com quem já lidei”.

O presidente declarou: “Bem, diga ao senador que, se ele quiser acabar com o Partido Democrata no meio da guerra, a responsabilidade é dele.” Então, Truman pegou o telefone e, após certa relutância, disse: “Sempre recebi ordens do comandante-chefe. Obedecerei.”

Roosevelt rapidamente se esqueceu de seu companheiro de chapa. Após a posse em janeiro de 1945, ele excluiu seu vice-presidente das discussões de alto nível, especialmente o planejamento e a execução dos esforços de guerra dos EUA na Europa e no Pacífico.

No entanto, agora, às 12h do dia 25 de abril, Truman era presidente. E Stimson, secretário da guerra, entrou no Salão Oval. Entregou um pequeno memorando datilografado ao presidente e aguardou a leitura. A primeira frase foi um baque: “Em quatro meses, muito provavelmente teremos finalizado a arma mais terrível da história humana, uma bomba capaz de destruir uma cidade inteira.”

O memorando resumia como a arma fora desenvolvida em colaboração com o Reino Unido. Porém, os EUA controlavam todos os recursos para construir e utilizar a bomba, e “por alguns anos, nenhuma outra nação poderia alcançar essa posição”.

Ainda assim, ressaltava que, sem dúvida, outras nações seriam capazes de desenvolver a tecnologia, começando, “nos próximos anos”, pela Rússia. E Stimson acrescentou: “O mundo, em seu estado atual de avanço moral em comparação com seu desenvolvimento técnico, acabaria por ficar à mercê de tal arma. Em outras palavras, a civilização moderna pode ser completamente destruída.”

Enquanto Truman lia o memorando, Leslie Groves, general de brigada do Exército, era conduzido à Casa Branca por um caminho alternativo, através de corredores subterrâneos. Ele entrou no Salão Oval logo após o término da leitura. Os funcionários do Pentágono refletiram muito sobre essa reunião, pois temiam uma



onda de especulação caso os repórteres vissem Stimson e Groves chegando ao mesmo tempo.

Desde seu nascimento, em 1867, Henry Stimson fazia parte do establishment da Costa Leste. Formado na Andover Academy, na Universidade Yale e na Harvard Law School, atuou pela primeira vez como secretário da guerra em 1911, no governo do presidente William Howard Taft. Em 1929, Herbert Hoover nomeou-o como secretário de Estado, cargo no qual encerrou a operação do departamento para decifrar códigos secretos, declarando de forma notória: “Cavalheiros não leem a correspondência alheia.”

Em 1940, F. D. R. escolheu Stimson para gerir o Departamento de Guerra novamente. Em 1941, foi a primeira vez que soube da pesquisa sobre uma bomba atômica. Quando o Projeto Manhattan foi iniciado para construir a arma, ele foi encarregado do que chamava de “S-1”.

Na verdade, o homem que agora informava o novo presidente o afastara em junho de 1943, quando o Comitê Truman começou a investigar um projeto de defesa em Pasco, no estado de Washington. Stimson telefonou para o então senador Truman. “Bem, esse é um assunto que conheço pessoalmente, sou parte do grupo de dois ou três homens no mundo todo que sabem sobre ele... É parte de um desenvolvimento secreto muito importante.”

Truman entendeu imediatamente. “Compreendo a situação, Sr. Secretário, não precisa dizer mais nada. Essas suas palavras bastam para mim.”





Secretário da guerra Henry Stimson (esquerda) com seu assessor, coronel William Kyle.

Agora, aos 77 anos, Stimson estava um pouco frágil. Era o único republicano no Gabinete de Roosevelt e, aparentemente, se sentia mais confortável no século XIX do que no século XX. Ostentava um bigode, seu cabelo era repartido ao meio e usava uma corrente de relógio dourada em seu colete. De todos os cargos importantes que ocupou, de todos os seus títulos de prestígio, preferia ser chamado de “coronel Stimson” por seu serviço como oficial de artilharia na França durante a Primeira Guerra Mundial. Porém, ninguém o desestimava. Ainda era altamente respeitado e tinha enorme influência em Washington.

Depois, havia o general Groves, que assumiu a fase de fabricação do Projeto Manhattan em 1942. Era o homem ideal para o trabalho. Com 1,83m de altura e 113kg, tinha um físico imponente. Um bigode fino contribuía para sua presença intimidadora. Groves desempenhava o papel, usando “minhas características naturais, que podem ser chamadas de autoritárias, controladoras, insolentes, autoconfiantes ou qualquer outra coisa, mas havia



certas características que acarretavam um controle muito vigoroso”.

A família Groves estava nos EUA há oito gerações. Peter Groves, seu tataravô, lutou na Revolução Norte-americana. Leslie Groves passou sua infância em bases militares por todo país, nas quais seu pai servia como capelão do Exército. Frequentou a Academia Militar de West Point e ocupou o quarto lugar em sua turma.

Groves ascendeu no Corpo de Engenheiros do Exército e já havia supervisionado um grande projeto — a construção do Pentágono em 1941 e 1942. A um custo estimado de US\$31 milhões, consistia no maior edifício de escritórios do mundo, com mais de 558.000m<sup>2</sup> de área útil em um terreno de 138.000m<sup>2</sup> e dois estacionamentos para 8 mil carros.

As pessoas que trabalhavam para Groves o descreviam como implacável. Um colega engenheiro disse que, quando era necessário lidar com ele, “um alarme soava ‘Cuidado’ no cérebro”. Groves dava ordens até mesmo a oficiais superiores. Embora alguns o chamassem de tirano, ele concluiu a nova sede do Departamento de Guerra em menos de um ano e meio.

Entretanto, por maior que fosse, o Pentágono era insignificante em comparação ao Projeto Manhattan. Criar uma bomba atômica era um processo terrivelmente complexo. Primeiro, o país tinha que produzir combustível radioativo. Depois, descobrir como desencadear com segurança o processo de fissão — provocar uma reação em cadeia atômica — no momento e no lugar certos. E tudo isso em total sigilo.





O general de brigada Leslie R. Groves Jr.

Em abril de 1945, mais de 125 mil homens e mulheres trabalhavam no projeto, em instalações por todo o território dos EUA. De alguma forma, Groves precisava garantir que nenhum indício desse enorme empreendimento fosse divulgado. O público e a maioria dos militares apreciadores de fofoca não poderiam saber dele.

De certo modo, Groves devia seu trabalho ao ódio que Adolf Hitler sentia pelos judeus. Em 1933, quando Hitler assumiu o poder na Alemanha, a perseguição nazista incitou centenas dos melhores cientistas, professores e pesquisadores do mundo a fugirem do país.

Leo Szilard, físico da Universidade de Berlim, se refugiou em Londres, onde concebeu uma ideia diretamente derivada da ficção científica. Ele teorizou que a divisão de um átomo — a menor partícula em um elemento — provocaria uma reação em cadeia que “liberaria energia em larga escala”. Poderia abastecer uma bomba atômica, algo imaginado pela primeira vez no livro *The World Set Free* [“O Mundo Libertado”, em tradução livre], de H. G. Wells, publicado em 1914.



Cinco anos depois, uma dupla de cientistas alemães comprovou a teoria de Szilard ao dividir átomos de urânio, bombardeando-os com nêutrons. A energia liberada — um processo conhecido como fissão nuclear — era forte o suficiente para acionar uma bomba. Porém, havia inúmeros passos entre a física controlada de um laboratório e o campo de batalha.

Szilard, que se tornou docente na Universidade Columbia em Nova York, trabalhou com o colega físico Enrico Fermi para confirmar se o urânio era, de fato, o elemento com maior probabilidade de precipitar uma reação em cadeia. Ele temia que, caso os cientistas alemães desenvolvessem uma bomba atômica, Hitler usaria a arma para atingir seu objetivo de um mundo dominado pela raça ariana.

Então, Szilard procurou um antigo professor para pedir conselhos sobre como alertar os líderes do mundo livre a respeito da ameaça — um colega imigrante chamado Albert Einstein.

No final da década de 1930, o físico alemão era o cientista mais famoso do mundo, e seu nome era considerado sinônimo de *gênio*. Agraciado com o Prêmio Nobel em 1921, desenvolveu teorias inovadoras que originaram novas maneiras de considerar tempo, espaço, matéria, energia e gravidade. Em 1933, enquanto Einstein visitava os EUA, Hitler ascendeu ao poder. Devido a sua origem judaica, ele se estabeleceu em território norte-americano, assumindo um cargo no novo Instituto de Estudos Avançados de Princeton.

Einstein defendeu a causa de Szilard. Em uma carta datada de 2 de agosto de 1939, afirmou ao presidente Roosevelt: “Uma única bomba desse tipo, transportada por barco e explodida em um porto, pode muito bem destruir todo o local e parte do território circundante.”

Einstein disse a F. D. R. que os cientistas nos EUA e no Reino Unido já estavam conduzindo pesquisas nucleares. E havia indícios de que os alemães faziam o mesmo. “Sei que a Alemanha suspendeu a venda de urânio das minas da Checoslováquia, tomadas pelo governo alemão.” Ele salientou que o filho de um funcionário alemão de alto escalão estava vinculado ao Instituto



Kaiser Wilhelm em Berlim, onde parte do trabalho norteamericano sobre urânio era reproduzida.

ALBERT EINSTEIN  
Old Grove Rd.  
Nassau Point  
Peconic, Long Island  
August 2nd, 1939

F.D. Roosevelt,  
President of the United States,  
White House  
Washington, D.C.

Sir:

Some recent work by E. Fermi and L. Szilard, which has been communicated to me in manuscript, leads me to expect that the element uranium may be transformed into a new and important source of energy in the immediate future. Certain aspects of the situation which has arisen seem to call for watchfulness and, if necessary, quick action on the part of the Administration. I believe therefore that it is my duty to bring to your attention the following facts and recommendations:

In the course of the last four months it has been made probable - through the work of Joliot in France as well as Fermi and Szilard in America - that it may become possible to set up a nuclear chain reaction in a large mass of uranium, by which vast amounts of power and large quantities of new fission-like elements would be generated. Now it appears almost certain that this could be achieved in the immediate future.

This new phenomenon would also lead to the construction of bombs, and it is conceivable - though much less certain - that extremely powerful bombs of a new type may thus be constructed. A single bomb of this type, carried by boat and exploded in a port, might very well destroy the whole port together with some of the surrounding territory. However, such bombs might very well prove to be too heavy for transportation by air.

Albert Einstein  
Old Grove Rd.  
Nassau Point  
Peconic, Long Island

2 de agosto de 1939

F.D. Roosevelt,  
Presidente dos Estados Unidos,  
Casa Branca  
Washington, D.C.

Sr.,

Alguns trabalhos recentes de E. Fermi e L. Szilard, cujos manuscritos me foram enviados, me fazem supor que, em breve, o elemento urânio poderá ser transformado em uma nova e importante fonte de energia. Certos aspectos da situação parecem exigir vigilância e, se necessário, ação imediata da Administração. Portanto, acredito que é meu dever chamar sua atenção para os seguintes fatos e recomendações.

Durante os últimos quatro meses, tornou-se presumível - por meio do trabalho de Joliot na França, bem como de Fermi e Szilard nos EUA - a possibilidade de provocar uma reação em cadeia nuclear em uma grande massa de urânio, pela qual grandes quantidades de energia e de novos elementos semelhantes ao rádio seriam geradas. É quase certo que, no futuro próximo, isso poderia ser alcançado.

Esse novo fenômeno também acarretaria a construção de bombas, e é concebível - embora muito menos certo - que bombas extremamente poderosas de um novo tipo possam ser desenvolvidas. Uma única bomba desse tipo, transportada por barco e explodida em um porto, pode muito bem destruir todo o local e parte do território circundante. No entanto, tais bombas talvez sejam muito pesadas para o transporte aéreo.

Carta de Albert Einstein de 1939 ao presidente Franklin D. Roosevelt.



The United States has only very poor ores of uranium in moderate quantities. There is some good ore in Canada and the former Czechoslovakia, while the most important source of uranium is Belgian Congo.

In view of this situation you may think it desirable to have some permanent contact maintained between the Administration and the group of physicists working on chain reactions in America. One possible way of achieving this might be for you to entrust with this task a person who has your confidence and who could perhaps serve in an unofficial capacity. His task might comprise the following:

a) to approach Government Departments, keep them informed of the further development, and put forward recommendations for Government action, giving particular attention to the problem of securing a supply of uranium ore for the United States;

b) to speed up the experimental work, which is at present being carried on within the limits of the budgets of University laboratories, by providing funds, if such funds be required, through his contacts with private persons who are willing to make contributions for this cause, and perhaps also by obtaining the co-operation of industrial laboratories which have the necessary equipment.

I understand that Germany has actually stopped the sale of uranium from the Czechoslovakian mines which she has taken over. That she should here take such early action might perhaps be understood on the ground that the son of the German Under-Secretary of State, von Weizsäcker, is attached to the Kaiser-Wilhelm-Institut in Berlin where some of the American work on uranium is now being repeated.

Yours very truly,  
*A. Einstein*  
(Albert Einstein)

Os Estados Unidos têm minérios muito escassos de urânio, em quantidades moderadas. Há um bom minério no Canadá e na antiga Checoslováquia, embora a fonte mais importante de urânio seja o Congo Belga.

Considerando essa situação, você pode julgar conveniente manter certo contato permanente entre a Administração e o grupo de físicos que trabalha com reações em cadeia nos EUA. Uma maneira possível de fazer isso seria atribuir essa tarefa a uma pessoa de sua confiança e que talvez pudesse atuar de forma extraoficial. As funções incluiriam:

a) abordar os departamentos governamentais, informá-los sobre novos desenvolvimentos e recomendar ações governamentais, dando atenção especial ao problema de garantir o suprimento de minério de urânio para os Estados Unidos;

b) agilizar o trabalho experimental, que atualmente é executado nos limites orçamentários dos laboratórios das universidades, providenciando fundos, se solicitados, por meio de seus contatos com pessoas privadas que se disponham a contribuir para a causa, e talvez também obtendo a cooperação de laboratórios industriais que possuem o equipamento necessário.

Sei que a Alemanha suspendeu a venda de urânio das minas da Checoslováquia, tomadas pelo governo alemão. É possível presumir que o país agiu antecipadamente com base no fato de que o filho do subsecretário de Estado alemão, von Weizsäcker, está vinculado ao Instituto Kaiser Wilhelm em Berlim, onde parte do trabalho norte-americano sobre urânio é reproduzida.

Atenciosamente,  
*A. Einstein*  
(Albert Einstein)

Roosevelt levou a sério o aviso de Einstein, provocando uma reação em cadeia por conta própria. O presidente fundou o Comitê



Consultivo de Urânio, encarregado de estocar o material para pesquisa e desenvolvimento contínuos. O comitê permaneceu em relativo anonimato até março de 1941, quando Churchill pediu que F. D. R. concedesse “alta prioridade” ao programa. Os britânicos estudavam intensamente a física da bomba atômica sob supervisão do cientista Niels Bohr, mas suas instalações estavam sob ataque constante dos alemães. Assim surgiu a força-tarefa S-1, comandada por Groves.

Uma das primeiras contratações de Groves foi Oppenheimer, o diretor científico. Os melhores pesquisadores estavam espalhados pelo país, e Groves percebeu que precisava reuni-los em instalações onde pudessem trabalhar juntos para desenvolver a arma.

Ele decidiu que a maior parte do trabalho ocorreria em três locais, de codinome X, Y e W. Cada um se especializaria em um aspecto específico do projeto e suas bases enormes e seguras seriam construídas sob medida. O primeiro, Projeto X, foi alocado na área rural do Tennessee, cerca de 40km a noroeste de Knoxville. Em fevereiro de 1943, engenheiros e empreiteiras abarrotaram a área, conhecida como Oak Ridge, e construíram laboratórios de pesquisa, edifícios de escritórios e moradias para funcionários, todos protegidos por cercas e postos de vigilância.

O Projeto X consistia em uma instalação de enriquecimento, a fonte do urânio utilizado na produção de bombas atômicas. Os funcionários separavam pequenas quantidades do isótopo físsil U-235 de toneladas de urânio, um processo demorado. Um bloco pequeno de U-235 exigia milhares de toneladas da matéria-prima. O urânio enriquecido era armazenado em um aterro escavado próximo a uma fazenda abandonada. Groves queria estocar o máximo possível de combustível de fissão para armas nucleares, portanto, construiu o primeiro reator nuclear permanente do mundo em Oak Ridge, o qual utilizava urânio para gerar uma segunda fonte de combustível nuclear na forma de plutônio. O plutônio-239 tinha um potencial explosivo ainda maior do que seu composto original. O plutônio é raro na natureza, e o plutônio-239, que é físsil, não tem uso real a não ser como explosivo nuclear. Em poucos meses, Oak Ridge estava gerando estoques de U-235 e



plutônio-239, mas o Projeto Manhattan necessitava de mais. Em setembro de 1944, o local W, outra instalação de processamento, foi estabelecido em Hanford, no estado de Washington. De repente, os EUA precisavam de urânio, e muito.

As únicas reservas de urânio conhecidas nos EUA estavam nas Montanhas Rochosas, mas o Colorado não tinha o suficiente para atender à necessidade. Groves recorreu ao Congo Belga. Em 1940, a Bélgica se rendera aos nazistas, mas o Congo ainda permanecia do lado dos Aliados. Em 1943, o Corpo de Engenheiros do Exército dos EUA forneceu serviços de construção gratuitos para uma empresa de mineração belga que detinha as minas de urânio congolenses.

Com um suprimento de combustível garantido, Groves ainda precisava de um lugar para montar a bomba. Oppenheimer levou-o a Los Alamos, onde o cientista passou parte de sua infância. O local remoto era perfeito e logo se tornou o Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento de Armas — de codinome Y.

Enquanto Oppenheimer e Groves se davam bem, o general insistia que os funcionários civis em Los Alamos operassem em total sigilo e demonstrassem eficiência militar.

Seu jeito ríspido ofendia muitos dos cientistas de pensamento livre, que temiam suas visitas a Los Alamos. O desprezo era recíproco. Groves os descrevia como “infantis, malucos e primadonas”. Dizia: “Sou o diretor de uma grande ópera de US\$2 bilhões com milhares de celebridades temperamentais.”

Agora, no dia 25 de abril, no Salão Oval, a “ópera” se aproximava da estreia. O general Groves entregou ao presidente um relatório de 24 páginas que descrevia o S-1 detalhadamente. Truman lia sua cópia, enquanto Stimson e Groves compartilhavam outra.

O memorando começava com o “Objetivo de Desenvolvimento”: “O desenvolvimento bem-sucedido da bomba atômica de fissão nuclear fornecerá aos EUA uma arma de enorme poder, fator decisivo para vencer a guerra atual mais rapidamente, poupando as vidas e o tesouro norte-americanos.”

Groves detalhava o poder inimaginável dessa nova superarma: “Estima-se que, atualmente, cada bomba tenha o efeito equivalente de 5 mil a 20 mil toneladas de TNT e, por fim, talvez de até 100



mil.” O relatório explicava o poder explosivo da fissão atômica em detalhes técnicos consideráveis; descrevia como a bomba estava sendo fabricada; e revisava a história do Projeto Manhattan, incluindo sua origem em 1939, a transição para a fase de fabricação e as “medidas de segurança extraordinárias” que foram tomadas para manter toda a operação “ultrassecreta”.

Ademais, discutia “atividades estrangeiras”. Afirmava que, desde 1943, a Rússia “demonstrava grande interesse por nossas atividades e, por meio de seus grupos diplomáticos, de informação e de espionagem nos EUA, se esforçava para obter dados específicos sobre o projeto”.

Em relação à Alemanha, mencionava o número de cientistas na área da física atômica e declarava que, desde 1941, acreditava-se que o país “estava prestes a usar uma bomba atômica de enorme força”. Porém, alegava que, com o colapso do regime nazista: “Não haveria mais possibilidades de a Alemanha utilizar tal bomba nesta guerra.”

O relatório concluía: “A energia atômica, se controlada pelas principais nações pacifistas, deve garantir a paz mundial nas próximas décadas. Se mal utilizada, pode exterminar nossa civilização.”

Truman bombardeou Stimson e Groves com perguntas. Ficou surpreso com o fato de que um projeto desse porte, tão dispendioso e com instalações em todo o país, tenha permanecido em segredo. Ao questionar quando a bomba ficaria pronta, Stimson repetiu as palavras de seu memorando: “Em quatro meses.”

Truman compreendeu como a bomba poderia encurtar significativamente a guerra. No entanto, estava preocupado com as implicações de curto prazo para as relações internacionais, principalmente com os russos, e as consequências de longo prazo para o planeta.

Enquanto lia o relatório extremamente técnico, Truman empacava várias vezes e dizia que era difícil assimilá-lo de uma só vez. “Não gosto de ler documentos”, reclamou.

Groves respondeu que era impossível resumir de forma mais simples. “Não podemos explicar em uma linguagem mais concisa



do que essa. É um projeto importante.”

O presidente deixou claro que apoiava o S-1.

Todo o processo — o resumo e a leitura do memorando — demorou apenas 45 minutos. Truman decidiu descartar sua cópia do relatório de Groves, por achar que não era “aconselhável” mantê-la. Stimson deixou o Salão Oval e foi para casa a fim de tirar sua cotidiana soneca da tarde.

Porém, o presidente ficou abalado com as informações recebidas. Não parava de pensar na séria advertência de Stimson de que a bomba poderia ser “tão poderosa que acabaria destruindo o mundo inteiro”.

Truman tinha o mesmo receio.



# CONTAGEM REGRESSIVA: 90 DIAS

8 de maio de 1945

Washington, D.C.

O Salão Oval estava lotado de militares de alta patente norte-americanos e britânicos, membros do Gabinete, esposa e filha do presidente e um bando de correspondentes de jornais e rádios. Exatamente às 9h, os microfones iriam ao ar e Truman faria um anúncio importante para a nação.

Faltavam dez minutos e o grupo usualmente formal estava ansioso. Truman brincou com os jornalistas. Sim, era seu 61º aniversário, mas não, essa não era a grande notícia. Concordou em ler sua declaração para eles um pouco antes, mas não tinham permissão de registrar nada até que a transmissão terminasse.

“Não precisam ficar inquietos. Vocês terão tempo suficiente”, disse o presidente.

Os repórteres riram. O presidente pigarreou e leu em voz alta: “Os alemães se renderam. A guerra na Europa acabou.”

Ninguém ficou surpreso. Fazia quase um ano que as tropas aliadas invadiram as praias da Normandia. Desde então, os Aliados avançaram do oeste para Berlim, enquanto a União Soviética atacou pelo leste.

A Alemanha estava à beira da derrota há algum tempo, principalmente depois que as forças aliadas cruzaram o rio Reno em março, o que lhes deu caminho livre para o leste da Alemanha e Berlim. Ainda assim, Hitler não aceitava se render. O general Eisenhower advertiu: “Ninguém sabe o que o alemão fará em seu próprio país, e ele está se esforçando muito.”



Os nazistas fizeram uma última tentativa de resistência em seu próprio solo. Para a batalha final, Hitler se entrincheirou em um búnquer de concreto dezesseis metros abaixo de seu quartel-general em Berlim.

No início de abril, as forças aliadas tomaram os centros industriais no rio Ruhr. Cidades inteiras foram reduzidas a escombros por intensos bombardeios aliados. Em 16 de abril, as tropas norte-americanas chegaram a Nuremberg, palco dos enormes comícios do Partido Nazista do Terceiro Reich e de alguns dos discursos mais maníacos de Hitler. Ele ordenou que a cidade fosse protegida a todo custo, mas sucumbiu quatro dias depois, em 20 de abril, seu aniversário.

À medida que os Aliados avançavam para Berlim, descobriam o verdadeiro mal do Terceiro Reich: vários campos de concentração, fábricas de morte onde os nazistas exterminavam milhões de judeus, ciganos, homossexuais e “indesejáveis”. As vítimas eram mortas em câmaras de gás, enforcadas, privadas de alimento ou espancadas até a morte; seus corpos magros, empilhados como lenha.

Em 30 de abril, enquanto bombas atingiam seu búnquer, Hitler e Eva Braun, sua noiva há dois dias, cometeram suicídio. (Soldados alemães queimaram o corpo de Hitler no jardim da chancelaria.) A Alemanha se rendeu uma semana depois. No dia 7 de maio, o marechal de campo Wilhelm Keitel assinou os termos formais e ordenou que as tropas alemãs depusessem suas armas.

Chegara a hora de Truman compartilhar a notícia com sua nação cansada da guerra. A multidão de oficiais e repórteres saiu do Salão Oval e foi para a Sala de Recepção Diplomática, onde F. D. R. fez muitas de suas transmissões de rádio. Como esperado, Truman leu sua declaração.

“Este é um momento solene, mas glorioso. Gostaria que Franklin D. Roosevelt estivesse vivo para presenciar este dia”, disse.

Lembrou os norte-americanos do prejuízo terrível que os Aliados tiveram para “livrar o mundo de Hitler e seu grupo maligno”.

“Não esqueçamos... da tristeza e do sofrimento que hoje habitam o lar de muitos de nossos vizinhos... Apenas seremos capazes de



recompensar nosso Deus, nossos mortos e nossos filhos com trabalho e com devoção incessante à responsabilidade que temos pela frente.”

“Se eu pudesse lhes dar uma única palavra de ordem para os próximos meses, seria trabalho. Trabalho e mais trabalho. Devemos trabalhar para finalizar a guerra. Nossa vitória ainda está pela metade.”

Truman lembrou os norte-americanos de que a guerra na Europa poderia ter acabado, mas o Extremo Oriente “ainda estava sob o jugo da traiçoeira tirania dos japoneses. Somente quando a última divisão japonesa se render definitivamente é que nossa luta estará concluída”.

Foi assim que Truman encerrou a transmissão, que durou 2min30s.

Dezenas de milhões de norte-americanos ouviram o anúncio de Truman e, em seguida, espontaneamente foram às ruas comemorar. Os bares abriram cedo e lotaram rápido. Estranhos se abraçaram e choraram de alegria. Jornais de todo o país publicaram edições especiais com grandes manchetes em negrito: o *Pittsburgh Press* começou com “Dia da Vitória na Europa Proclamado. Em breve, Japão”. O *Hattiesburg American* anunciou: “Japas Tiram Medidas para Quimono Funerário.” A manchete do *Daily News* era curta e simples: “Acabou.”

## Oak Ridge, Tennessee

Ruth Sisson ouviu gritos de comemoração na entrada da enorme fábrica militar em Oak Ridge. Perguntou-se o que estava acontecendo, e um colega de trabalho berrou no corredor: “Os nazistas se renderam!”

“Não é maravilhoso?”, disse a mulher no assento mais próximo.

“Sim, é”, respondeu Sisson, com um grande sorriso. “Graças a Deus.”

Ruth sentiu seu coração palpitar por um momento. Da última vez que teve notícias, seu querido Lawrence estava na Alemanha. Talvez voltasse para casa! Certamente, com a derrota da Alemanha,